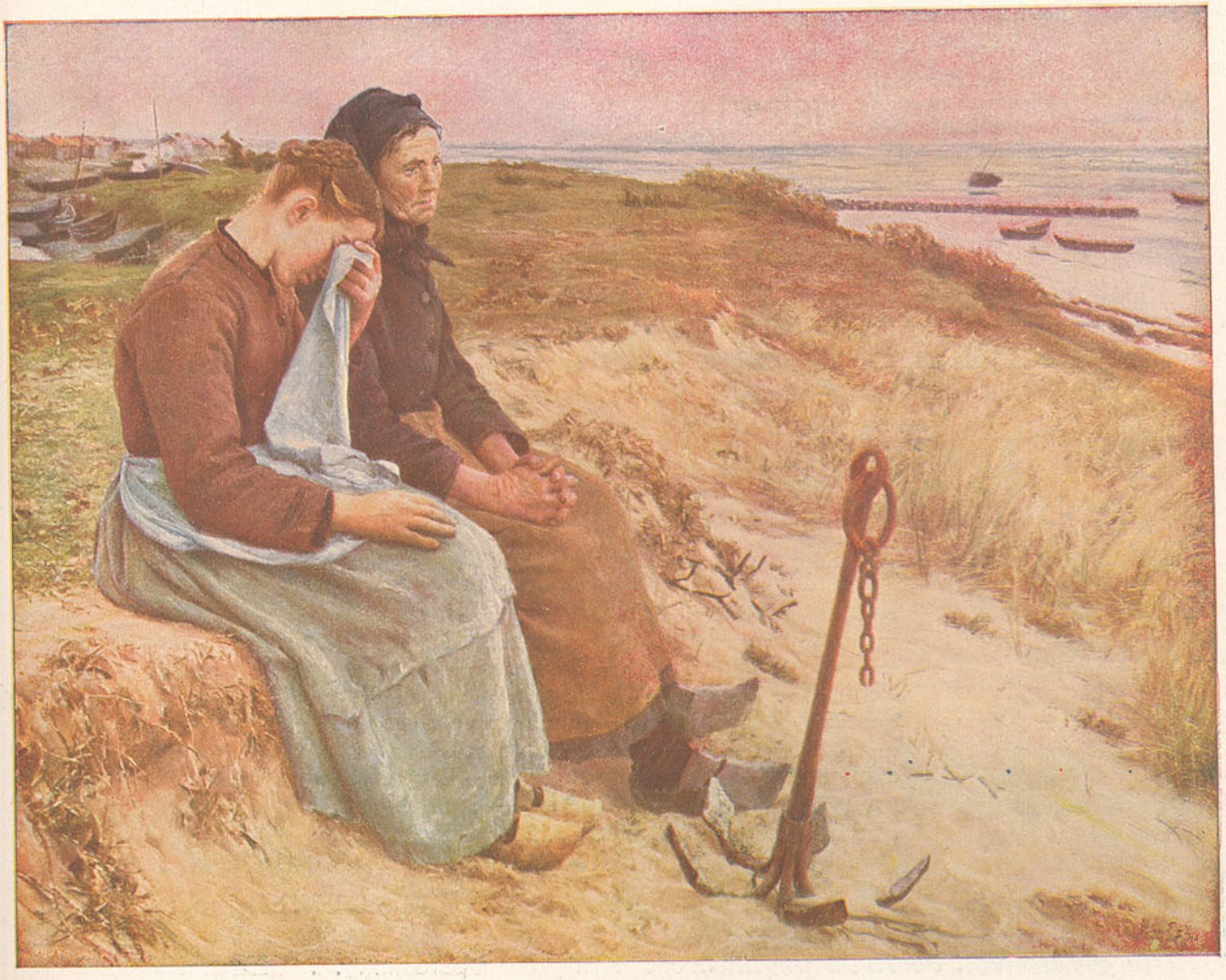
ILUSTRAÇÃO

N.º 326 — 14.º ano



O BARCO DESAPARECIDO

(Quadro de Sousa Pinto)

16-JULHO-1939

PREÇO-5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

TEATRO
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D. S. P. em 6-3-1913 sob o N.º 28
RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA
GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ÀS MÃIS PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO
Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**, enc., **Esc. 20$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A SOCIAL

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 500.000$00

SEDE

Rua Cândido dos Reis, 51 a 61 — PORTO — Telefone 42

Preferida pela organização da sua assistência para os

SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO

Postos de Socorros:

PORTO — Rua Cândido dos Reis, 51 a 61
GAIA — Rua Cândido dos Reis, 350
MATOZINHOS — Rua Roberto Ivens, 429
GUIMARÃIS — Rua da República, 74

PARA PINTAR PAREDES

USE

MURALINE

UMA TINTA QUE SE

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
e dura 10 anos

Depositários: **Mário Costa, & C.ª, L.da**

Rua do Almada, 30, 1.º e 2.º — PORTO — Tel. 2571

Á VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**

Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a côres do pintor **ROBERTO SANTOS**, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por **G. VOGT**

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distracção, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o mêdo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores *Haig, Contani* e *Lévy*

1 volume de 154 páginas, brochado **6$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-JULHO-1939
N.º 826 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

AS MANOBRAS NAVAIS PORTUGUESAS

Com destino aos Açôres, seguiram do Tejo quási tôdas as unidades da divisão de instrução, a-fim-de efectuarem a segunda fase das manobras navais de verão.

Portugal, êste pequeno País que tornou maior o Mundo, ainda é o mesmo marinheiro ousado que afrontou as cóleras traiçoeiras do Mar das Tormentas.

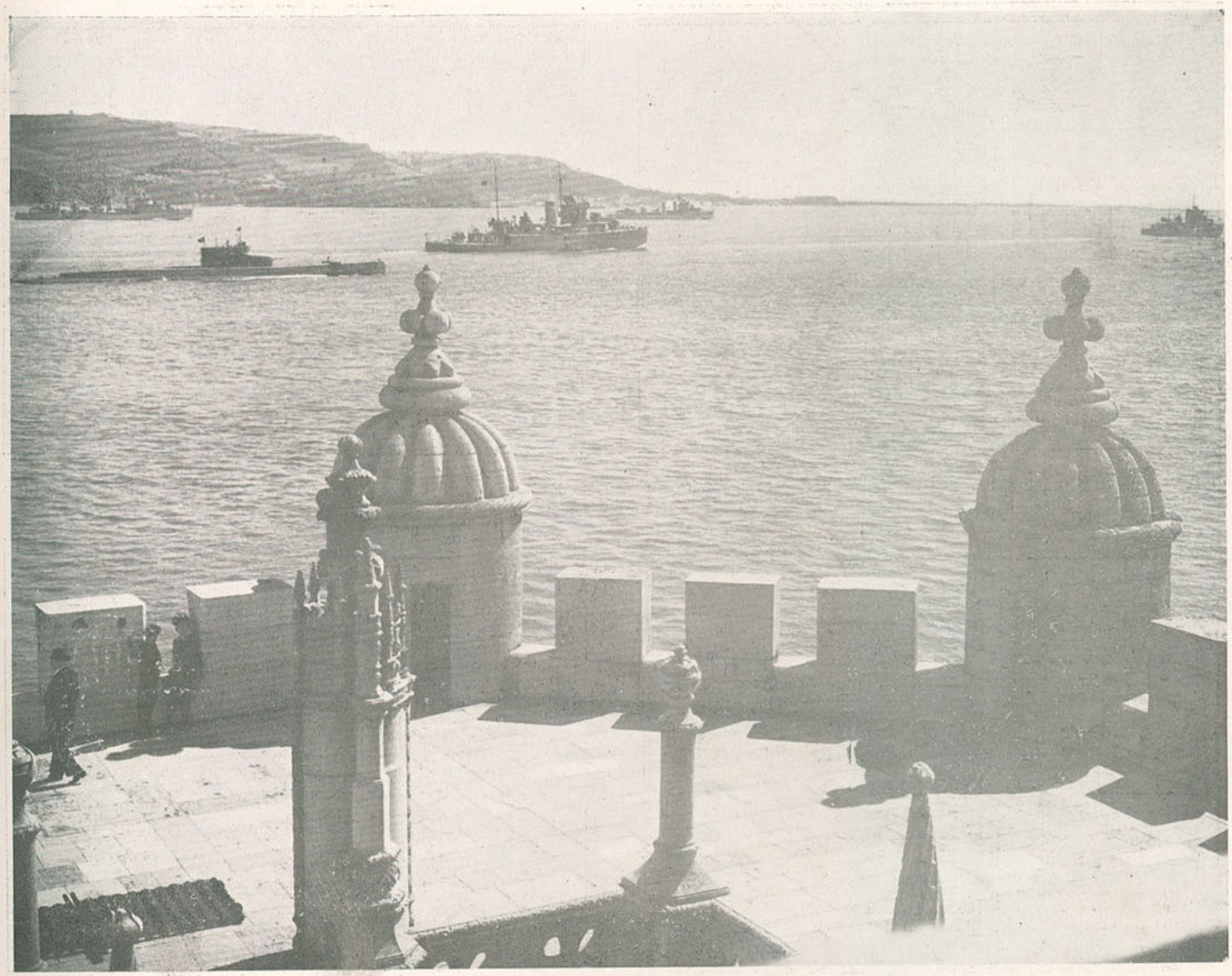
A jornalista Suzanne Chantal, evocando a grandeza da nossa Pátria, disse que «a antiga epopeia portuguesa continua com fôrça criadora e moderna».

É assim mesmo. Ainda bem que nos fazem justiça. Portugal, após os seus feitos homéricos, caíra na indolência que traz a opulência.

E, no dizer dum grande historiador, «tendo o crânio calvo coroado de louros de mil batalhas e novecentas vitórias, limitou-se a contar aos netos os gloriosos feitos da sua mocidade».

Era pouco, com efeito. As nações não são como os homens: não devem envelhecer. Os seus filhos renovam-se em emergia e fé patriótica.

Em boa verdade, é consolador ver singrar a nossa esquadra através do mar imenso que sempre nos obedeceu. E a Tôrre de Belem, mais que um baluarte, ergue-se como um símbolo que revive glorioso e nos enche do mais legítimo orgulho.



A esquadra passando em frente da Tôrre de Belém a caminho dos Açôres

ALÉM FRONTEIRAS

Sacha Guitry por ocasião do seu quarto casamento acarinhando uma neta. Sua quarta esposa, Geneviève de Sereville quis que tôdas as crianças da aldeia assistissem à cerimónia

René Benjamin, membro da Academia Goncourt anunciando a eleição de Sacha Guitry para a Academia Goncourt. A eleição teve resultado definitivo ao terceiro escrutínio

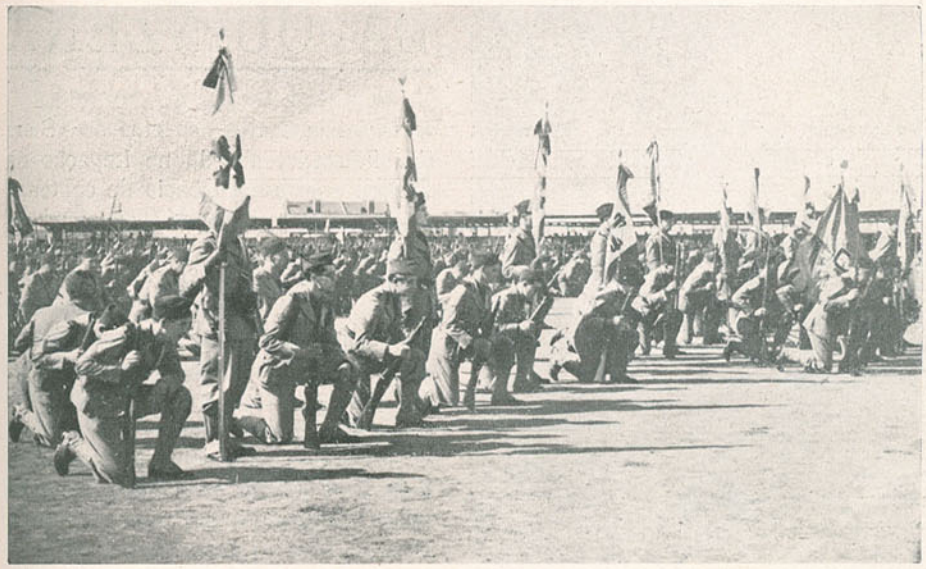
O Presidente da República Francesa nas festas nacionais do Vinho em Montpellier. À "rainha" da Borgonha empunha a bandeira dos vinhos

O Presidente da República Francesa com o Sultão de Marrocos e outras personalidades em destaque passeiam nos jardins do Eliseu

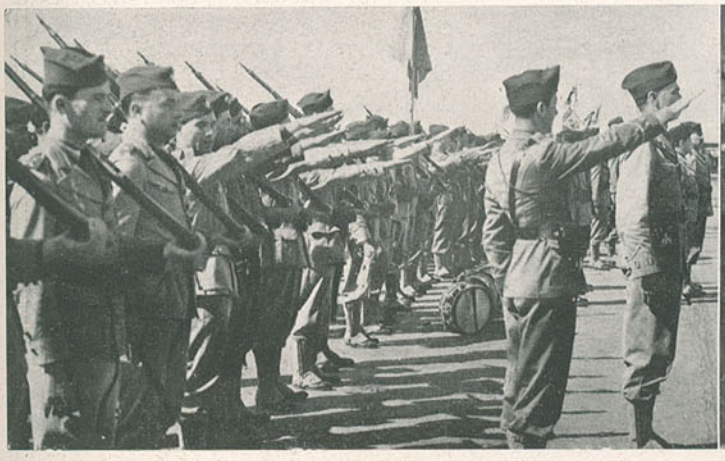
"Destroyers" italianos em frente da cidade internacional de Tanger que tem sido visitada por barcos de guerra de todas as nações

Um aspecto do Canal Alberto, na Bélgica, após a catástrofe que o destruiu, ficando inundados muitos hectares de terreno

A "LEGIÃO PORTUGUESA,,



Alguns aspectos da ratificação do compromisso de honra feito por 700 novos legionários perante o sr. Ministro do Interior. A cerimónia efectuada no vasto campo de jogos das Amoreiras, revestiu grande imponência e solenidade



ACTUALIDADES DA QUINZENA

Dois interessantes aspectos do «Baile das Flores» realizado na Legação de França com a assistência de centenas de convidados, entre os quais membros do Govêrno e do Corpo Diplomático, almirantes e generais, alto funcionalismo, etc. Os jardins encontravam-se lindamente iluminados com as côres da bandeira francesa. *Em baixo:* O sr. Cardial Patriarca com o sr. bispo de Macau chegado recentemente da China. O ilustre prelado descreveu horrores da guerra na China. — *A' direita:* Um grupo de meninas que tomou parte na festa do «Dia da Assistência», no Porto

Triste sintoma e doce consolação

A execução dêsse desgraçado Weidmann — eu chamo desgraçados a todos os criminosos, porque são espíritos enfermos uns, vítimas duma hora má, outros e, portanto, dignos de lástima — a morte pública dêsse infeliz veio trazer-nos o triste sintoma de que a alma humana continua a guardar lá no fundo aquela camada de maldade, que nem a civilização nem o progresso dos povos consegue eliminar.

Mas também vivo deu a certeza que nos consola de que há ainda almas de mulher capazes de grandes provas de bondade e de amor, dessa bondade e dêsse amor que não se ofuscam com a decadência do homem amado.

Quem leu os jornais de Paris, quem os leu com a sua sensibilidade, ficou decerto desgostoso com a crueldade do espectáculo da morte dêsse condenado.

Não pelo que respeita à parte que a lei rege. Embora sejamos contra a pena capital, devemos aceitar a lei que a decretou, visto que os artigos do código são feitos para se cumprirem.

Portanto, não podia ofuscar-nos a execução propriamente dita, que foi segundo as leis do país, mas sim a turba que em volta se juntou, trepidante de entusiasmo, encharcando o olhar no sangue daquela pobre cabeça decepada, essa cabeça que era o encanto de sua mãe, quando a aconchegava ao seu seio para lhe dar o elixir da vida. Parece impossível que outras mães — porque havia lá muitas mulheres — não tivessem o pudor de arredar a vista de tal quadro, que era a tortura de uma mulher, que como elas, pensam dos filhos, nunca pensou também que o seu chegasse a tão triste situação.

A desgraça não escolhe, é mais cega do que o amor, e entra como êle, na choupana e no palácio, sem querer saber das feridas que abre e das lágrimas que faz correr com os seus feitos.

Sabe-se lá para que estamos guardados? Os mais honestos podem ser ladrões um dia, os mais calmos podem matar num acto de desespêro, e há tanto espírito fraco que não resiste a uma sugestão má, a um mau exemplo!

—

E para que afrontar ainda com o escárneo da curiosidade impiedosa, um desgraçado que vai morrer, que já deu contas à sociedade, pagando assim o seu crime?

Não lhe basta acaso a lembrança da vida que passou, das carícias de sua mãe, então mergulhada na mais profunda dôr, dos beijos sinceros da mulher que

o amava e que o pobre desvairado esqueceu chafurdando na lama, não é bastante pungente o remorso que o acompanha nêsse calvário, caminho curto que a êle parece ter léguas, para o fim de tudo, ainda é preciso que sôfra o insulto de se dar em espectáculo na sua agonia?

Se a morte é de respeitar, se ela redime de tôdas as culpas, porque não se há-de fazer silêncio, em face do último estremeção da alma que se desprende do involucro terreno dum criminoso, já decerto limpa de tôdas as manchas, pelo arrependimento dos seus crimes?

Quando passa um entêrro, todos os homens se descobrem, sem saberem se ali vai algum santo ou algum demónio.

Um que sabemos que pecou, porque o sabemos, não merece menos o nosso respeito, e merece mais ainda a nossa piedade, pela triste sina que trouxe ao nascer.

Felizmente parece que tal não se repetirá. O govêrno francês, onde há homens de coração e bom senso, resolveu acabar com êsse espectáculo desmoralizador e deixar que os malfadados para a desgraça, morram em paz. Nunca é tarde para emendar um êrro. E há costumes e tradições que é honroso cortar e esquecer.

—

Tôdas as medalhas têm um reverso, e êste medalhão de tristezas gravado, tem também o seu lado diferente.

Uma mulher, uma namorada, na sua terra distante, não se esqueceu dêle, do pobre transviado, e comprou num cemitério de Paris a cova para receber os restos daquele que amou.

Quantas vezes os seus olhos se inflamaram pelo pranto chorado, quantas vezes os seus joelhos se arrastariam na nave duma igreja, a pedir a Deus a vida do seu amado!

Que de noites perdidas, evocando tempos que já lá vão, em que êle ainda era um homem normal, honesto e bom, enlevando-a na sublime mentira do amor!

Abençoada seja esta mulher que elevou tão alto o seu sexo, que deita por terra tôdas as calúnias que tentam apoucar a alma feminina.

La donna é mobile, da canção, é uma vingança dum despeitado.

Quando lhe chegam ao coração, a mulher é capaz de dar mostras mais deslumbrantes de amor constante e leal.

Até, como agora, para além da vida.

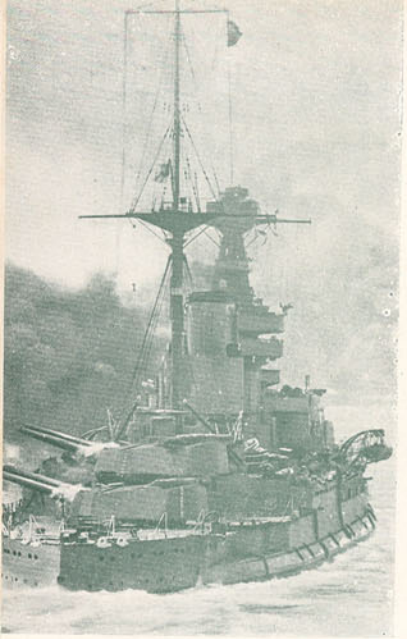
E há quem ponha de propósito o pé em cima dum bichinho que encontra na rua, e que com êsse acto rejubile.

Sem se lembrar de que o seu pé representa, para a sua vítima, o que é para nós um automóvel ou qualquer outra máquina que nos esmagasse.

Como é possível que existam, nêste século adiantado em civilisação, criaturas que gozem com a vista da tortura de outros sêres, seja qual for a sua classificação zoológica?

Felizmente, para honra da espécie, há, de um modo geral, quem se anteponha a estes gestos ferozes, não matando senão como prática higiénica alguns animais, e nunca pelo prazer de tirar vidas.

MERCEDES BLASCO.



NA VASTIDÃO DO OCEANO

As surpresas da guerra submarina

O relato curioso de um sobrevivente

As tripulações da marinha mercante de qualquer nacionalidade, que navegaram durante os anos de 1914 a 1918, sob a ameaça constante de irem contra uma mina ou de se vêrem atacados por um torpêdo e que conhecem o perigo eminente com que se ha-de navegar durante uma guerra futura, mais mortífera do que qualquer outra, encaram com pavôr a repetição dos dramas por que êles próprios passaram.

Em tempos normais a viagem por mar é cheia de riscos e perigos, que a guerra aumenta desproporcionalmente. O trabalho é árduo, as horas são longas e a remuneração é escassa e constante a luta contra os elementos da natureza.

É assim o ofício em tempos normais, mas a espectativa de nos vêrmos a cada momento e repentinamente atacados por minas ou submarinos produz não só o esgotamento dos nervos, como funda depressão moral, que só aqueles que tiveram a experiência da Grande Guerra, podem avaliar com justeza. Para os que trabalhavam nas máquinas ou transportavam combustivel a suspensão nervosa era ainda mais intensa. Era abaixo da linha de água e a meio barco, que o torpêdo atingia o seu alvo, próximo de maquinistas e fogueiros. Mas era mais dilacerante para os nervos esperar a cada momento ser atacado por um daqueles terriveis instrumentos de destruição do que o próprio choque.

Os mais fortes de corpo e de espírito eram por fim apenas um monte de nervos exgotados pela tensão. Caia na casa das máquinas, por exemplo, um objecto com rumôr e inesperadamente e imaginavam fogueiros e maquinistas que o ataque era chegado...

O autor donde extraímos estas notas foi um dos que teve a boa sorte de viajar em barcos mercantes enquanto durou a guerra e de escapar sem uma beliscadura, apesar de ter sido torpedeado duas vezes, perseguido várias outras e de ter visto outros barcos explodirem e afundarem-se com a sua tripulação, rapidamente.

«De uma vez — diz-nos êle — atravessavamos o Atlantico, e alguns de nós estavamos encostados á grade do barco a contemplar um barco que navegava a pequena distância.

«Repentinamente, sem que nada nos fizesse pressentir qualquer incidente, ouviu-se um estampido aterrador e vimos o barco desfazer-se em duas metades e afundar-se rapidamente. Afastamo-nos daquelas paragens a todo o vapor.

«De um outro incidente me recordo que teve lugar perto da Baía da Biscaia. O nosso capitão e a maior parte da tripulação olhavam atentamente para um ponto negro no horizonte. Ao aproximar-nos do local, verificámos que se tratava de um barco salva vidas cheio de gente. O capitão ordenou que tôda a tripulação estivesse bem atenta a que não surgisse algum submarino e o próprio salva-vidas, que se apresentava em perigo, também era objecto duvidoso.

«Ao aproximarmo nos dêste, certificamo-nos que se tratava efectivamente de um salva-vidas cheio de naufragos.

«O capitão não sabia se decidisse por mandar abaixar um dos nossos escaleres ou mandar içar o barco completo dos naufragos por meio dos nossos guindastes; decidiu-se por êste último processo.

«Os desgraçados estavam num tal estado de esgotamento que fôram necessários grandes esforços para prenderem as nossas correntes aos extremos do salva-vidas.

«Içamo-los para bordo e afastamo-nos com tôda a velocidade a-fim-de evitar novo perigo.

«Eram nove os naufragos e todos num desgraçado estado; um fogueiro jazia morto no fundo do barco e foi lançado ao mar. Os músculos dos sobreviventes estavam tão inchados, que tivemos de cortar à tesoura botas e fatos; era inverno e havia cinco dias que boiavam à superfície das águas.

«Pertenciam à tripulação de um vapor carvoeiro; tinham sido torpedeados ao despontar da manhã e no espaço de cinco minutos o vapor tinha ido ao fundo. Uma parte da tripulação tinha conseguido salvar-se em dois salva-vidas. Durante dois dias não se tinham perdido de vista, mas o mar encapelado acabára por os separar para não mais se avistarem.

«Durante tôda a tarde, a nossa tripulação procurou atentamente descortinar o outro salva-vidas e efectivamente ao fim de cinco horas de pesquizas conseguimos avistá-lo.

«Trazia sete naufragos, tão exaustos e deprimidos como os primeiros; três dos seus camaradas tinham sido lançados ao mar. Recolhemos a bordo mais êstes desgraçados e demos-lhe a assistência que em tal conjuntura nos foi possível dispensar-lhes.

«A bordo não tinhamos médico nem grande fornecimento de medicamentos. Felizmente a nossa viajem continuou com vento favorável e como não nos encontravamos muito longe de Lisboa, o capitão decidiu tocar naquele porto onde efectivamente largamos os naufragos, que ficaram ao cuidado de um dos hospitais da cidade.

«A primeira vez que o barco em que viajava foi torpeado, encontravamo-nos nas alturas do norte de África.

«Vinhamos de Bombaim com destino à Inglaterra carregados de amendoim.

«O Mediterrâneo estava tão tranqüilo que as suas águas eram como um espelho em que se reflectia o azul puro do firmamento, e as costas de África estavam próximas de nós.

«Tinhamos terminado a refeição da tarde e dirigia-me para o meu beliche; de repente ouviu-se uma explosão abafada e tivemos a sensação como se o barco tivesse batido contra rochedos.

«Agarramos apressadamente em algumas peças de vestuário e corremos todos para o convés.

«O capitão já se encontrava na ponte e dava ordem para que se arreassem os escaleres salva-vidas.

«O nosso aparelho de telegrafia sem fios já tinha expedido em todos os sentidos mensagens pedindo socorros e felizmente tôda a tripulação conseguiu salvar-se nos escaleres. Uma hora mais tarde eramos recolhidos por um barco francês que fazia a patrulha do Mediterrâneo.

«Á proa do nosso barco havia um canhão de que nunca tivemos ocasião de fazer uso.

«Fui torpedeado pela segunda vez no Canal da Mancha; viajavamos de Hull com destino a Nova-York, com lastro por carga. Vinhamos do Mar do Norte e ao chegar a Dover, ancoramos para receber ordens; dois dias mais tarde continuamos a nossa viagem pelo Canal da Mancha.

«Ia começar o meu quarto de serviço; dava meio dia, quando sentimos uma explosão medonha e pareceu-me como se o fundo do barco se tivesse desprendido e se tivesse afundado. Corremos todos para o convés, onde os marinheiros já haviam começado a arrear os salva-vidas.

«Era inverno, o frio era intenso e o mar agitado.

«Corri para os camarotes, onde tinha o meu beliche, em busca de um sobretudo com que me defender do frio atroz e já não encontrei senão destroços; o torpedo devia ter acertado ao lado do leme. No convés viam-se os destroços de camas, roupas e vários homens caídos por terra.

«Tratamos imediatamente de transportar os feridos para os escaleres. Dois homens da tripulação estavam mortos e nove feridos. O resto pôde salvar-se nos salva-vidas, e durante duas horas lutamos contra o mar encapelado e o frio, até que por fim fomos recolhidos por um barco costeiro, que nos acolheu a bordo e nos confortou com gim e café quente e nos desembarcou em Dortmouth.

«De cada vez que eramos torpedeados perdiamos os nossos pequenos haveres.

«Ao rebentar a guerra, cada homem recebia um subsídio de cinco libras para roupa e fato; o subsídio mais tarde foi elevado a sete libras e dez shellings, mas em nenhum dos casos chega a soma para nos fornecermos do necessário.

«O pior caso que me aconteceu foi ser perseguido por um submarino, viajando eu então em um barco petroleiro.

«A minha missão nesse barco consistia em lubrificar as máquinas.

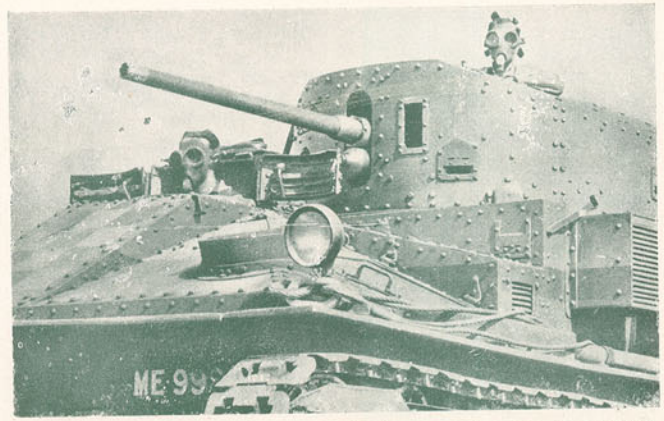
«Viajavamos em direcção á Inglaterra e vinhamos do Golfo do México, carregados de benzina.

«Se fossemos atacados por um torpêdo era a explosão certa sem probabilidades de salvamento.

«Mais uma vez nos encontravamos no Canal da Mancha. Estava de vigia e acabava de lubrificar as máquinas. Tinha-me retirado para um canto para ver se conseguia fumar um cigarro, quando ouvi a campainha do telégrafo, que me chamava para a casa da máquina. Desci á pressa; o engenheiro gritava com voz alterada: «Há um submarino á vista; é preciso fugir a toda a velocidade; encham a máquina de oleo, mas depressa».

«Todos nós pensavamos de que lado é que seriamos atacados... Será a meio barco?... à prôa?... á ré?...

«Pouca importância teria o ponto por onde fossemos atacados porque na realidade, se o submarino nos atingisse, iamos todos nós e o barco pelos ares em poucos segundos.



«Fomos perseguidos durante meia hora. O barco caminhava aos zigue-zagues, que era a melhor manobra para fugir da pontaria e a meio de uma destas voltas, ouvimos um barulho surdo. O barco quási que virou sôbre si e a ré saiu completamente para fora da água; a helice trabalhava no ar; todos nós caímos por terra e não caimos ao mar porque todos puderam agarrar-se a qualquer objecto seguro e o navio não tornou a equilibrar-se, senão quando a helice de novo se achou coberta de água.

«Todos estavamos convencidos de que tinhamos sido atingidos e corremos apressadamente para a máquina.

«De repente um da tripulação, que tinha subido à ponte, gritava: «Não há novidade!» e dali a momentos explicava-nos o que tinha sucedido.

«O submarino tinha disparado dois torpêdos contra nós mas nenhum tinha acertado.

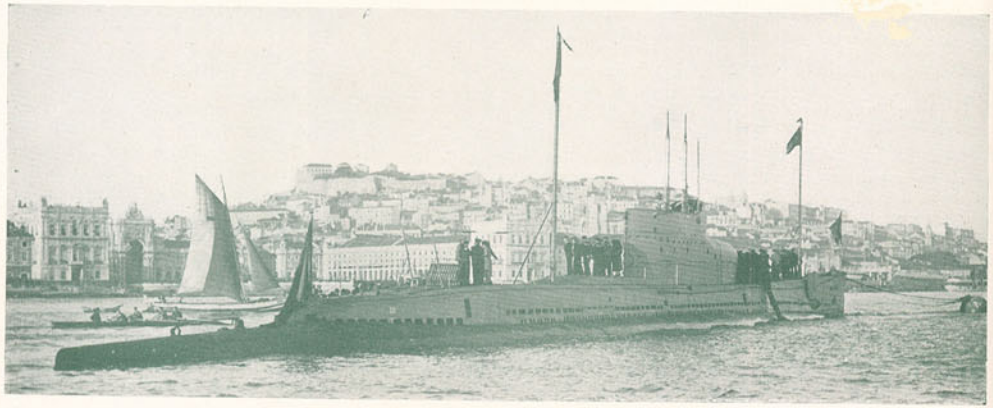
«Um dos torpêdos tinha passado à nossa frente e tinha falhado a nossa prôa apenas por alguns metros. O nosso aparelho de telegrafia sem fios, está claro, tinha expedido telegramas para todos os lados, como é costume fazer-se em casos idênticos, e daí a pouco vinha um *destroyer* em nosso auxílio.

«O segundo torpêdo tinha rebentado a alguma distância da nossa ré; o *destroyer* tinha presenciado tôda a manobra e com tôda a velocidade corrêra em nosso auxílio.

«Do seu bordo partiu uma carga formidável em profundidade que, com certeza, liquidou o submarino mas tão perto de nós que quási nos fa também atirando pelos ares.

«Na manhã seguinte entrávamos nas docas de Londres e na nossa segunda viagem, a bordo do mesmo barco e já a meio do Oceano Atlantico, recebemos a notícia, pelo telégrafo sem fios, de que se tinha assinado o armistício».

ADOLFO BENARÚS.



NOTICIAS DA QUINZENA

No 7.º aniversário da posse do sr. Presidente do Conselho realizou-se no Parque Eduardo VII uma festa, tendo sido oferecidos a quatro mil crianças vestuário, calçado e merenda. A gravura, à esquerda mostra um trecho da encantadora assistência. *Ao centro:* Os internados na Albergaria de Lisboa desfilando perante os membros da Junta de Província de Estremadura, que os foram visitar. *A' direita:* O major-general da Armada presidindo à inauguração da «Sala do Marinheiro» na Escola de Mecânicos da Armada. *Em baixo:* Alunas do Instituto de Odivelas na festa do encerramento do ano escolar

ECOS DA QUINZENA

Falangistas de Espanha que visitaram Lisboa, tendo chegado a bordo do «Ciudade de Alicante». — *Ao centro:* «Os Flechas Navales» no Parque Eduardo VII. — *Em baixo, à esquerda:* O sr. Ministro da Marinha recebendo o almirante Riccardi da Esquadra Italiana. — *A' direita:* O sr. Ministro da Marinha, o sr. Ministro da Itália e outros convidados na legação dêste país, onde foi oferecido um banquete em honra das Armadas portuguesa e italiana

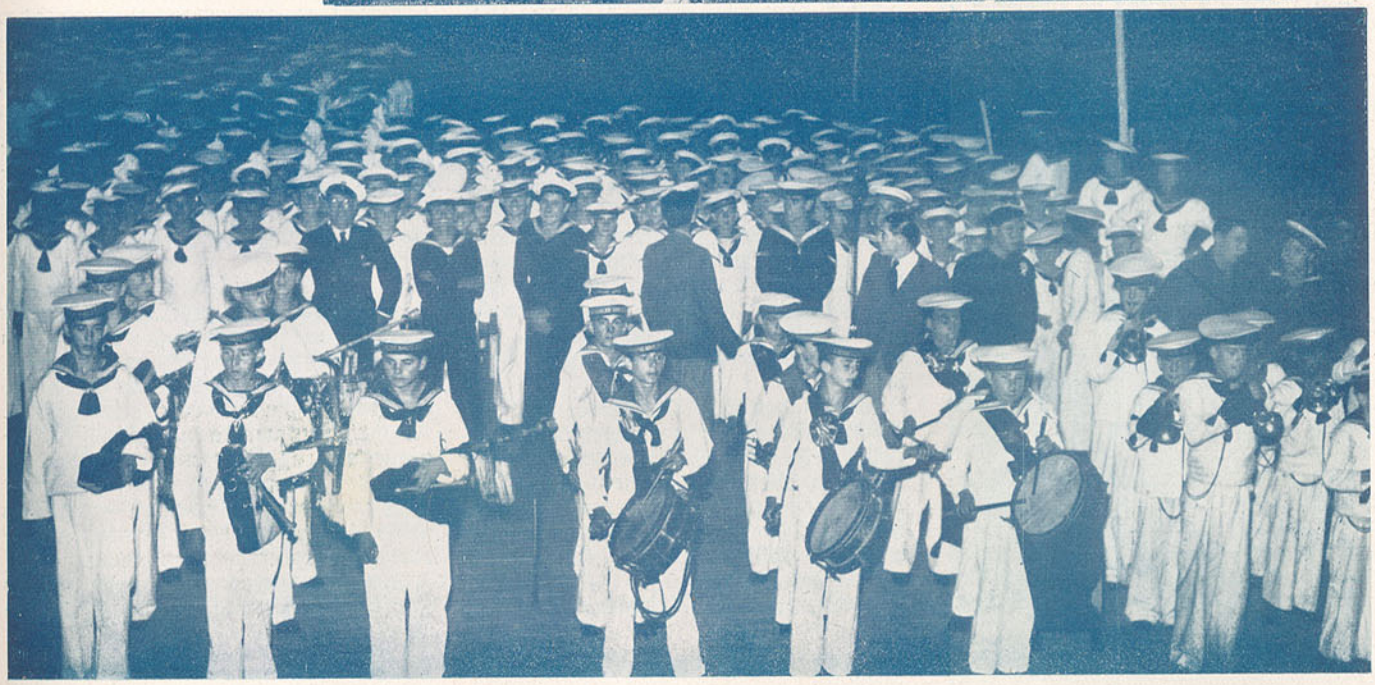


Gráfico obtido pelo prof. Weiss provando pelas pulsações do coração e da respiração que a morte não foi instantânea

OS HORRORES DA PENA DE MORTE

Se nem a cadeira eléctrica está isenta de fazer sofrer!

Algumas irrefutáveis opiniões sábios mais irrefutáveis ainda

A pena de morte patenteia aspectos reveladores do temperamento dos povos.

Na Inglaterra usa-se o enforcamento com queda discreta e brutal, sendo o condenado coberto com um véu negro; na França utiliza-se a guilhotina engendrada pela Revolução; na Alemanha está em moda o machado medieval; na Rússia abatem o condenado com um tiro de revolver na nuca, e no Oriente fuzilam-nos, estrangulam-nos ou degolam-nos, ou, na melhor das hipóteses, enforcam-nos rentes à terra.

Em todos os pontos do Universo, o legislador mostrou sempre preocupar-se em dar à pena de morte um tríplice carácter de prontidão, certeza e de «limpeza» material e moral.

Cumpre, no entanto, salientar que, em caso algum, um ser humano, nem que seja o mais execrável malfeitor, deve ser utilizado como uma cobaia para experiências científicas ou submetido a um suplício técnico que a ciência actual não está ainda à altura de garantir duma maneira absoluta que é humano, isto é, instantâneo e sem sofrimento algum.

A propósito das execuções efectuadas na cadeira eléctrica, tem sido levantada grande celeuma, havendo quem defenda e quem ataque êste sistema de matar criminosos.

Ora, para que se possa avaliar imparcialmente, ouviremos os partidários e os inimigos da sinistra cadeira.

Enquanto os primeiros se apoiam no ponto de vista dos especialistas de Além-Atlântico e na técnica das prisões americanas, os segundos fazem valer os seus argumentos tirados da fisiologia e da experiência.

No interior da enorme prisão de Sing-Sing, na América do Norte, encontra-se a *Casa da Morte*, sinistro cárcere dentro de outro cárcere, que possue cozinhas, enfermaria, pátio de recreio e parlatório, e pode oferecer lugar a vinte e quatro homens e a três mulheres.

Esta prisão tem o nome oficial de *Células dos condenados*, mas os prisioneiros designam-na por *Matadouro*.

O condenado à morte é submetido a reclusão solitária, tendo apenas quinze minutos por dia para falar com alguém.

Ordinàriamente decorre cêrca de um ano antes da execução que se realiza sempre numa quinta feira, alguns minutos depois das onze horas.

Assim, cinqüenta e duas vezes, o condenado, no pavor da sua célula, vê aproximar uma semana que será talvez a fatal. O seu pre-suplício moral é tão terrível que se torna necessária uma vigilância rigorosa para evitar qualquer tentativa de suicídio.

Antes desta sala encontram-se seis células, chamadas *quartos de pre-execução* que os detidos designam irònicamente por *Sala de Baile*. Um corredor liga a *Sala de Baile* à *Sala da Execução* e ao *Necrotério*, imediatamente contíguo, onde os cadáveres ainda quentes são autopsiados.

Descrevemos o cenário; agora o drama:

No começo da semana fatal, o director da prisão faz a escôlha, conforme a lei, das onze testemunhas civis que devem assistir à execução, bem como de três oficiais de justiça, dois médicos, um eclesiástico, sete guardas, o director e o carrasco.

Nestas ocasiões chegam sempre ao gabinete da direcção milhares de cartas solicitando a escôlha para testemunhas. Algumas chegam a pedir o privilégio, para o seu sinatário, de desempenhar as funções de carrasco... Calcule-se que chegam a pedir que lhes seja concedido substituir a vítima!

Abre-se a porta. O condenado entra escoltado pelos guardas. Apresenta-se decente. Pelo menos, não se ostenta a ignóbil cena duma execução francesa em que o condenado aparece em mangas de camisa, pescoço nú, mãos ligadas atrás das costas, caminhando para o matadouro como um boi.

O condenado norte-americano avança.

Vem a propósito dizer que não lhe é facultado nenhum calmante nem estimulante. Dirige-se para a cadeira sinistra — uma pesada cadeira de madeira guarnecida de largas correias — e senta-se tranqüilamente.

Acto contínuo, os guardas ligam-lhe os braços, as pernas e o tôrso por meio das correias, enquanto o carrasco aplica um electrode de contacto húmido à barriga da perna esquerda do condenado, e outro à região occipital prèviamente rapada à escovinha, forçando assim a corrente a atravessar a região do coração.

Seguidamente, dá-se o gesto trágico. Encerrado numa espécie de alcova, sem testemunhas, só com Deus e a sua consciência, o carrasco dá volta ao comutador.

O corpo do condenado inclina-se para a frente como se tentasse escapar às correias que o seguram, no meio dum ruído contínuo de faíscas, e, por vezes, por entre um pouco de fumo que sai do casco que mantém o electrode craniano. As mãos tornam-se-lhe vermelhas, ficando em seguida brancas de neve. Os músculos do pescoço distendem-se... Dois minutos — um século! — decorrem nesta operação. Depois, cortada a corrente, o corpo recai em lassidão.

Decorreram cinco minutos depois dos primeiros passos do condenado no corredor da morte.

Setenta quilos de albumina, que fôram um homem, vão ser entregues ao bisturi da autópsia.

Os americanos utilizam para a electrocução correntes e tensões variáveis. As tensões de 300, de 4.000 e de 2.400 volts, de corrente alternativa, particularmente mortíferas, são empregadas desde há muito tempo.

Em Sing-Sing, emprega-se actualmente uma tensão de 2.000 a 2.200 volts que se traduz, quando os electrodes são aplicados convenientemente, por uma corrente duma intensidade de 7 a 12 ampères através do corpo do condenado.

Esta voltagem, e portanto a amperagem, é diminuída, depois aumentada, por intervalos durante a aplicação da corrente. O valor médio da corrente não vai além de 5 ampères «a fim de evitar a combustão do corpo do condenado».

Devemos ter em conta que as *baixas freqüências* industriais, empregadas pela corrente alternativa são particularmente perigosas, como eloqüentemente o demonstrou M. d'Arsonval. Neste ponto a escôlha é acertada para a realização duma obra de morte.

Os técnicos electricistas afirmam que a temperatura, com pontos de entrada e de saída da corrente, atinge a temperatura da fusão de cobre, em que a do corpo se eleva a 140° e o cérebro chega quási à ebulição.

Os fisiologistas americanos, por seu lado, declaram — mas aqui é precisamente o ponto litigioso — que a vítima perde o conhecimento em $^1/_{240}$ de segundo, «velocidade superior à da sensação da dor».

Segundo os electrocardiogramas e os encefalogramas colhidos pelos representantes do Colégio dos Físicos e Cirurgiões da Universidade de Columbia, no curso de diversas execuções, a corrente de 1 ampère age sôbre o cérebro em $^1/_{720}$ de segundo, isto é, 70 vezes mais rápido que o sistema nervoso, não havendo, portanto, dor.

É esta a tese dos partidários da electrocução judiciária.

Devemos, no entanto, tomar êsses encefalogramas e outros diagramas obtidos por meio do oscilógrafo catódico, como provas muito débeis. Um diagrama prova tudo o que se quere, e aquêles que observamos podem demonstrar também um horrível suplício.

Em Louisville, Kentucky, um negro condenado à morte fôra ligado à cadeira eléctrica e submetido aos dois choques de corrente indicados pela lei. Quando o médico examinava o corpo, apercebeu-se com espanto de que o homem ainda vivia!... No momento do segundo choque, a corrente havia sido interrompida.

Foi necessário chamar os electricistas, reparar os aparelhos, e só no fim duma longa meia hora é que conseguiram dar cabo do pobre negro já meio carbonizado.

Sofre ou não sofre?

Uma única testemunha seria decisiva: o próprio electrocutado, se depois de morto pudesse falar.

Existem, no entanto, centenas de vítimas que escaparam de acidentes de electrocução, e sob tensões que variaram de 110 volts a cêrca de 100.000.

Estes *feridos de electricidade:* queimados, asfixiados, tetanizados, têm sido objecto de estudos minuciosos e metódicos por parte de médicos ilustres como Jellinek, de Viena, e de Simonin, de Estrasburgo. Estes sábios estudaram a electrocução em vários animais, especialmente os cães, registando-lhes meticulosamente o coração e a respiração, e chegaram à conclusão de que os sintomas da morte por asfixia lenta são duma eloqüência irrefutável.

Podemos citar casos de morte não instantânea devida a uma corrente de 110 a 220 volts.

Segundo as observações do dr. Simonin, «um operário metalúrgico, chamado Adrien C..., de Bègles, na Gironda, trabalhava com uma broca eléctrica de 220 volts, quando os seus camaradas o ouviram gritar:

«— Acudam-me!... Cortem a corrente!»

Quando chegaram junto dêle, o operário estava morto».

O mesmo sábio cita ainda:

«Uma jovem de vinte anos, quando pegava num candieiro portátil eléctrico, gritou: «Estou electrocutada!» E caiu morta. Era de constituïção linfática marcada».

Segundo o professor Leclercq, «um operário de 26 anos, tendo os pés sôbre um pavimento de ferro, pegou com as duas mãos numa lâmpada de 220 volts. Soltou um grande grito, contorceu-se, perdeu os sentidos e morreu».

Reparemos que a alta-tensão nem sempre mata.

Contràriamente à opinião comum, eis o que se verificou:

«Um electricista de 19 anos foi encontrado sem sentidos, tendo o corpo a formar derivação entre um condutor de 3.000 volts e o solo. Ferido nas pernas e um buraco de 7×8 cms. no crânio por onde saía o cérebro. Êste operário, curou-se, após alguns meses de perturbações nervosas.»

Êste exemplo citado por Faber é confirmado por Simonin, Jellinek, Caillavet com a citação de casos análogos.

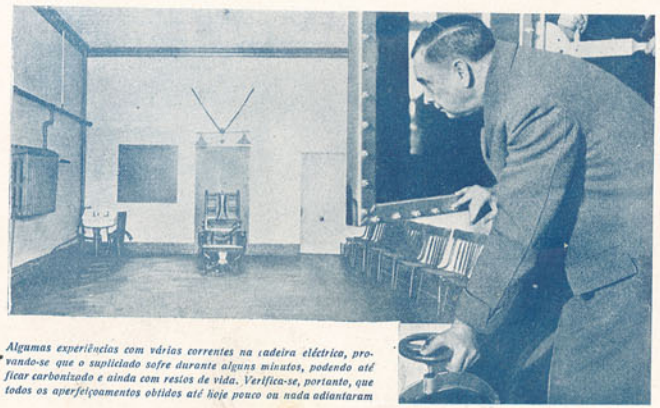
«Um montador electricista — diz Jellinek — foi atravessado por uma corrente de 5.000 volts que lhe entrava pelas mãos e lhe saía pelos pés. A intensidade fôra suficiente para fundir o cabo metálico! Pois o operário sobreviveu».

Portanto, mais uma vez se pregunta: ¿a sensibilidade, a consciência da vítima são aniquiladas instantaneamente pela corrente eléctrica, ou a vítima morre em plena consciência?

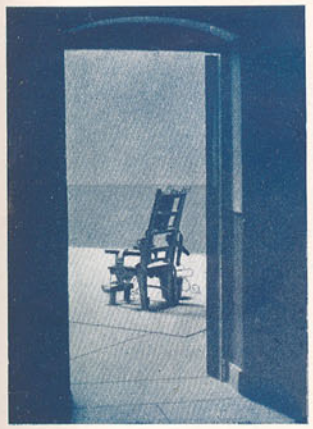
No que diz respeito a baixas tensões (primeira forma do suplício americano) a resposta é fácil: as vítimas gritam, debatem-se, gritam por socôrro, e só morrem após um tempo mais ou menos longo.

Eis o que conta um electricista que se escapou durante morte horrível:

«Encontrava-me a fazer uma instalação eléctrica num altar de igreja, quando cometi a imprudência de pegar em dois castiçais metálicos já ligados a uma corrente de 221 volts. Pareceu-me que a abobada desabava sôbre mim. As minhas mãos, crispadas nos castiçais, não os podiam largar. O coração e a respiração



Algumas experiências com várias correntes na cadeira eléctrica, provando-se que o suplicado sofre durante alguns minutos, podendo até ficar carbonizado e ainda com restos de vida. Verifica-se, portanto, que todos os aperfeiçoamentos obtidos até hoje pouco ou nada adiantaram



A Cadeira Eléctrica

Quatro homens comprimem separadamente e ao mesmo tempo o botão eléctrico, ignorando-se, por fim, qual dêles teria sido o instrumento da justiça

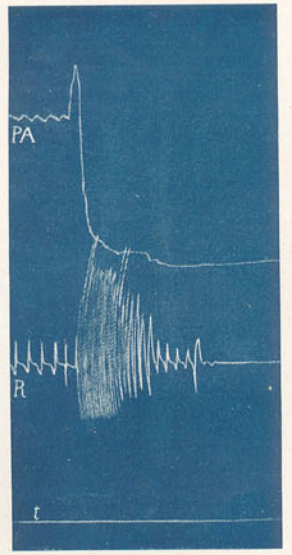


Gráfico obtido pelo prof. Weiss, demonstrando os efeitos mortais duma corrente alternativa atravessando o organismo dum cão

Estátua da Liberdade em Nova York

pareciam-me esmagados. Não podia chamar e sentia a morte aproximar-se no meio de dores horríveis. Por fim, tive a ideia de pôr em contacto os dois castiçais, formando curto circuito. Fez-se um relâmpago e eu caí liberto sôbre o solo».

Os drs. Broca e Simonin observaram casos de electrocução por alta tensão (segundo forma do suplício americano) em que a vítima não perde o conhecimento.

Simonin chega a salientar que «as correntes de alta tensão são freqüentemente sem acção durável sôbre a respiração e o coração; podendo impunemente atravessar o corpo humano, à parte as queimaduras nos pontos de contacto».

— Eis porque — diz Arsonval — os médicos americanos se apressam a abrir o ventre do condenado!

Leduc resume excelentemente a questão numa comunicação à Sociedade de Biologia: «Há casos de paralisia completa do centro da linguagem e da motalidade, mas a paralisia é apenas parcial no que diz respeito ao pensamento e à sensibilidade».

Isto quere dizer que o paciente é paralizado sem ser insensibilisado, como sucede com o famoso *curare* de que os índios se servem para ervar as suas flechas, e que provoca uma morte espantosa sem que a vítima possa mexer-se nem soltar um grito!

A electricidade não mata pura e simplesmente como o raio. A electrocução é uma morte progressiva que se patenteia pela paragem do coração e da respiração. E' uma asfixia, uma «afogação elécrica», acompanhada de contrações tetânicas. Eis porque os primeiros cuidados a prestar aos electrocutados, conforme as circulares oficiais e os cartazes afixados nos postes de transformação são identicamente os mesmos a prestar aos afogados.

O professor Weiss conseguiu obter um gráfico durante a electrocução dum cão com a aplicação duma corrente de 100 volts com electrodes molhados. A intensidade era de 0,068 ampères. A linha de baixo, marcado por *t*, mostra o instante preciso da aplicação da corrente. Neste momento, a ondulação regular da pressão arterial (P A) tem um brusco acrescimento devido a uma violenta contracção do coração, dando-se depois uma queda completa, atestando que o coração parou. Mas se o coração não bate, a respiração acelera-se. A respiração tímida mas regular, registada à direita, sucedem aspirações amplas e precipitadas, decuplicadas, que decrescem e param após um suprêmo esfôrço. Na autópsia verificou-se que o coração não estava morto: tremia sem bater... E' difícil de imaginar um mais horrível suplício.

Noutro diagrama, igualmente devido a Weiss, é também interessante pela revelação que apresenta. Aqui, a corrente é de 7 ampères, que corresponde à técnica actual da electrocução americana: a tensão é de 4.600 volts: o coração e a respiração são aceleradas, mas o animal não morre.

A duração do contacto não parece ter uma grande importância. Prévost e Batelli conseguiram matar um cão num 1/4 ou 1/2 segundo, ao passo que Simonin viu feridos de electricidade manterem-se agarrados ao cabo condutor durante mais de dois minutos sem morrer.

Após êstes depoimentos tão concludentes, vindos dos pontos mais diversos do horizonte científico, não é muito difícil estabelecer uma opinião.

Resta-nos citar um especialista incontestado, um sábio francês de fama mundial, e cujo nome está ligado à descoberta das correntes de alta freqüência. E' o professor d'Arsonval.

«Se abandonarmos um animal electrocutado — escreve o sábio — a sua morte aparente torna-se difinitiva; mas se procedermos à respiração artificial, pode ser reanimado. Se lhe aplicarmos a respiração durante a aplicação da corrente, não morre. O animal sente a dor e não perde o conhecimento. O calor observado não é devido à passagem da corrente, mas à tetanização de todos os músculos; êste aquecimento provoca a morte definitiva (morte pelo calor) a menos que se refresque artificialmente o animal».

Passando à electrocução judiciária, o professor Arsonval cita o caso dum condenado de 75 quilos morto em 50 segundos por uma corrente de 3 ampères sob 1.500 volts, ou seja uma potência de 4.500 watts, representando cêrca de 1 calório por segundo. Se o corpo do condenado funcionou ùnicamente como uma resistência de radiador eléctrico, a sua temperatura foi elevada de menos de um grau.

«O calor excessivo provocado pela electricidade é produzido pela contracção violenta dos músculos, e traduz-se por uma rigidez cadavérica muito rápida: o cadáver dum veado fatigado, morto na caça após longa perseguição».

«Partindo destas experiências — continua Arsonval — sou contra a electrocução que qualifico de meio de execução bárbaro. Aconselhei aos electrocutores americanos a experiência da respiração artificial. Isto levou-os a ordenar a autópsia imediatamente após a execução: como precaução prudente não se podia exigir mais!»

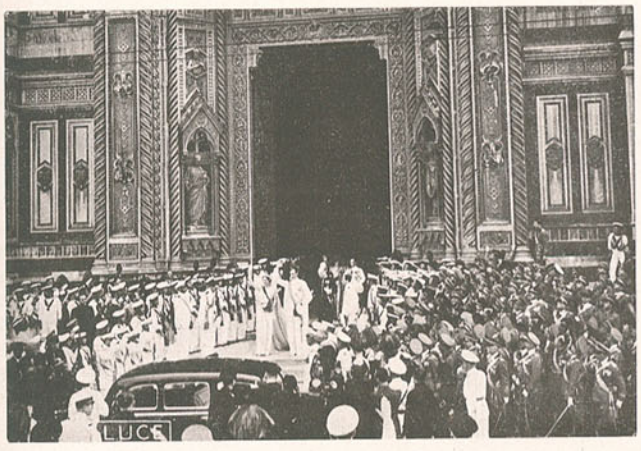
O dr. Chauvois, porta-voz do eminente físico conclue:

«Isto foi escrito em 1884. Desde então a cadeira eléctrica tem sido aperfeiçoada na América, mas o estado actual em que foi exposta, segundo um inquérito dum grande jornal (1935) confirmou tôda a crueldade que existe em matar por tal meio o desgraçado supliciado».

E' assim que os sábios de irrefutável competência consideram o suplício da cadeira eléctrica.

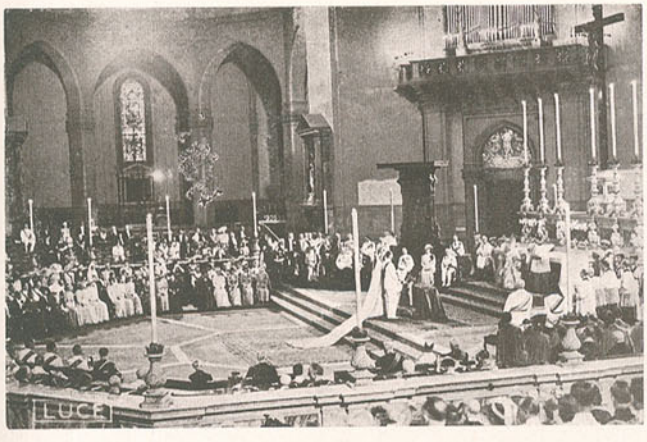
Um aspecto de Nova York

NOTÍCIAS DE ITÁLIA



O casamento da princesa Irene da Grécia com o duque de Spoleto, celebrado na catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença. Os noivos saindo do templo.

Os marinheiros apresentando armas na passagem dos noivos à saída da célebre catedral de Florença maravilha de construção do Século XV.



Um aspecto da imponente cerimónia do casamento da princesa Irene da Grécia com o duque de Spoleto na catedral de Santa Maria de Florença.

O desembarque dos legionários italianos em Genova no seu regresso de Espanha onde se bateram junto das tropas do generalíssimo Franco.

Um impressionante aspecto do desfile dos aviadores egionários na Praça da Vitória em Génova, após o seu regresso da guerra de Espanha.

O rei Victor Emanuel recebendo os legionários italianos que se bateram na guerra de Espanha e obtiveram no seu regresso uma recepção triunfal.

Figura de Job

TODAS as vezes que ouço falar de Espanha, seja qual fôr a côr das vozes que a discutem, lastimam ou exaltam, entristece-se-me o coração e emmudeço. A lufada de recordações de alguns passeios de estudo, por suas províncias dados, acaba por me enervar de todo e procuro esquecer o quanto agora ouço, refugiando-me no quanto lá aprendi há anos. Naturalmente os grandes altares e outros monumentos de escultura, tomam volume primeiro nas minhas evocações. Corro os museus, as igrejas, as praças, e exatamente como quando em saüdade calcurrio terras de França, de Itália ou flamengas, da Alemanha ou da Inglaterra, sítios onde é adorável ser-se estrangeiro pelo amor incuravel á nossa própria terra que como estrangeiros nos trata tantas vezes, as obras de arte engrandecem-se cada vez mais pelo mistério das visões distantes, em que a luz e determinadas memórias do ambiente quási se esbatem, para beneficiarem a majestade das sombras ou do oiro daquelas, consoantes as sentimos e admiramos, em peregrinações nocturnas ou nas horas do sol.

Então o rosário das imagens recordadas, enfiado em incoerências de relação que nuns minutos nos faz saltar de norte a sul e da mais alta catedral á mais pequenina bugiganga de arte, acaba por se quebrar num enleio qualquer onde a nossa atenção resolve demorar, sendo fatal o motivo de partida dessas viagens evocativas esquecer até, para por deduções fugidias sugerirmos outros muito diversos, embora todo o pensamento tenha uma lógica e o espaço entre duas ideias ou duas saüdades opostas tenham um fio de luz, que as uniram e associaram por capricho.

Cada aldeia espanhola era um museu e um cofre de inesperados encantos. Cada cidade era uma catedral solene, recheada de razões para deslumbramentos. Ávila, Granada, Valladolid, Toledo... Foi exatamente em Toledo, na minha velha mania de procurar túmulos de arte — só um português se compraz neste convívio com as proximidades da morte! — que depois de admirar e até contar os trinta e tantos sepulcros ornados com jacentes de cavaleiros, prelados, freis, monjas e doadores, na Catedral onde Portugal tem várias relíquias, desde a campa de D. Sancho ao pendão e imagem do Decepado, atravessei o burgo e fui procurar uma das mais belas esculturas de Espanha, obra do seu maior escultor, ao Hospital de S. João Baptista, que é o sepulcro do Cardial Tavera, lavrado por Alonso Berruguete. Foi por sua vez êste sepulcro que me levou a Alcalá de Henares, para ver o túmulo famoso do famoso Cisneros — o «Cardial Rei», — esculpido por Bartolomeo Ordoñez, e a Siguenza, para rezar junto do mausoléu de D. Fradique de Portugal, que se encontra a par doutros de encanto.

Sepulcro do Cardial Tavera

ALONSO BERRUGUETE

Grande escultor e grande de Espanha

Alonso González Berruguete, pintor e escultor notabilissimo, foi o filho mais velho de Pedro González Berruguete, o mais extraordinário pintor de todas as Espanhas. Presume-se ter nascido em Paredes de Navas, entre 1486 e 1490, segundo documentos ainda existentes, e que o seu sangue era de nobre estirpe oriunda da Biscaia, mas arribada a êste condado onde seu pai nasceu e gozou de bens e de respeitosos direitos. Seu pai, o grande pintor de Castela, andara na mocidade por terras italianas e, sobretudo, em Urbino deixara obra de valor, colaborando com Melozzo de Forli e com Justo de Gante em muitos quadros. De regresso a Espanha onde casou e teve numerosa prole, educou seus filhos nas artes de desenho, prendas que se estenderam por heranças de dons até netos e bisnetos. Alonso, porém, foi o único artista de mérito superior, rival de seu pai na pintura, mas que só na escultura se notabilisou como um dos primeiros entre os primeiros. Parte da sua infância passou-se em Toledo onde o pai trabalhava e em 1504 morreu.

Pouco depois abalou Alonso para a Itália, apresentando-se a velhos amigos do pai, os quais, dado o ambiente corporativo da época, o auxiliaram nos estudos e relações. Viveu bastantes anos em Florença, procurando seguir o rumo dos escultores do séc. XV e assemelhou-se a Miguel Angelo, de quem fez cópia dos cartões da *Guerra de Piza*, recomendado para isso, diz-se, pelo próprio Buonarotti. Diz Vasari, que em Roma onde houvera particular interêsse pelos frescos da Sixtina, fôra eleito por Bramante, ao mesmo tempo que Jacopo Sansovino e outros mestres, para executar uma cópia em cêra do celebrado grupo de Laocoonte, o qual seria fundido em bronze, segundo o julgamento autorisado de Rafael e outros artistas de igual nomeada. Voltando a Florença foi encarregado pelos padres de S. Jerónimo de terminar um retábulo do altar-mor da sua igreja, começado por Fra Filippo Lippi, o qual por sua vez deixou por acabar, visto em 1520 haver partido para Espanha, onde logo foi nomeado pintor e escultor do Imperador Carlos V.

Há quem presuma errada a atribuição daquele retábulo dos Jerónimos, e em vez dele ser de Fra Filippo Lippi, morto em 1469, é mais natural ter sido inventado por seu filho Filippino Lippi, morto no ano de 1504, como o velho Berruguete. Palomino e outros biógrafos levianos dizem que Alonso Berruguete fôra discípulo de Miguel Angelo, o que é contestado por críticos mais prudentes, pois é sabido do quanto era avêsso a aceitar discípulos o mestre florentino, permitindo junto de si, quando muito, preparadores de tintas e esboçadores de canteiro, simples picapedras para desbastes do grosso. É também sabido o seu génio rabugento e exigente, que levou a despedir com maus modos os ajudantes vindos de Florença, para esboçarem o tecto da Sixtina, cujo trabalho o mestre borrou e destruiu com furia, fechando-se a sete chaves até o fim da obra e aonde penetrava o Papa apenas, contra sua vontade.

Consta também Alonso Berruguete ter-se dado com Andréa del Sarto e com Bandinelli, julgando-se muito crivel êle ter procurado em viagens por Bolonha, Milão e Pavia, estudar as obras de Della Quercia e Giovani de Nola. O crítico espanhol R. de Orueta, num bem orientado volume sôbre Berruguete, descobre e diz ter entre eles topado semelhanças e influências.

E' incontestavel, todavia, uma grande aproximação de temperamentos, comparando-se a sua obra com a de Miguel Angelo, ambos atacados de valentia no avolumar das formas, no contorcionar movimentos e no compor monumental das massas. Entre os mestres que estudou em Itália, Miguel Angelo teve lugar principal — e de aí o chamar-se-lhe discípulo, — embora com o tempo Berruguete se espanholizasse inteiramente, vendo os dramas com seguras mais torturadas, as formas mais escalpeladas no sentido anatómico das dissecações rigidas, e certos encantos estéticos pelas abundâncias de panejamentos, em contraste com a magresa dos corpos e os exagêros de expressão, que imprime nas faces das imagens, assim como as violências dos gestos e dos rigores esqueléticos, que caracterizam as mãos e sobretudo os pés das suas figuras.

S. João Evangelista, Relêvo da catedral de Toledo

Como exemplos notáveis temos os 40 relêvos do estupendo cadeiral da Sé de Toledo, com Apóstolos, Profetas, Santos e dramas simbólicos, considerado por muitos como a magistral obra-prima do seu génio. Na verdade, em tôda a Espanha não se topava uma obra de conjunto mais expressiva e impressionante do que esta — e Deus sabe quão numerosas e intensas são as grandes obras de arte espalhadas por todos os cantos dêste maravilhoso país, de tão truculentas paixões representadas em paineis e em pedras sagradas pelo génio dos seus artistas! João de Borgonha, outro extraordinário escultor que a seu lado emparelha, fica-lhe àquem no poder de representar sentimentos e na valentia de criar moldes exteriores que sirvam àquelas paixões íntimas. É que Berruguete talhava a pedra e desbastava a madeira com as ousadias menos contidas duma raça sôfrega de ascensão, prêsa à terra pelas raizes do amor, mas desejosa, pelo espírito fanático, de desvendar o ceu. Entre os muitos sepulcros que lavrou com arreganhos de quem pretende vencer o mistério da morte, o do Cardial Tavera, mitrado e ainda mal liberto da vida, comove-nos a ponto tal, que me recordo de passar uma noite a vadiar por Toledo, a ver se encontrava sustos maiores nas sombras da cidade, que aprezassem a angústia produzida por aquela obra no meu coração desprevenido.

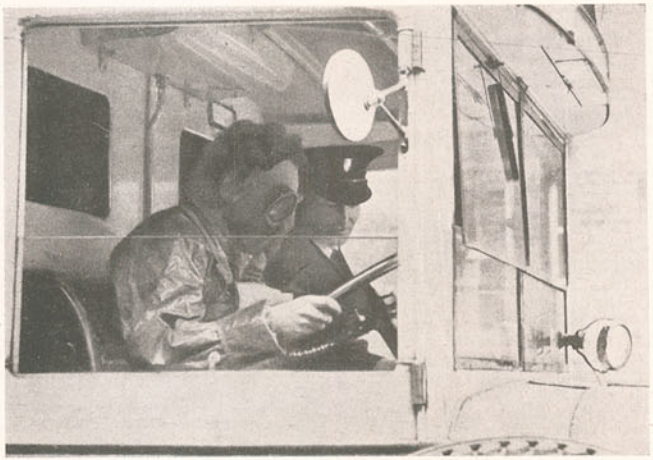
Mas Berruguete, criador da escultura barrôca, com um século de antecedência, desde que regressára a Espanha para esculpir o retábulo da Capela de Santa Engrácia, em Zaragoza, e um sepulcro de D. António Agustin, obras por nós desconhecidas visto terem sido destruidas durante a Invasão Francesa, assim como as que Carlos V o encarregava de executar em Madrid e Granada, inventou e lavrou muitas mais imagens, relêvos e monumentos funerários, hoje conservados, sobretudo, em Valladolid, no museu magistral da escultura espanhola, e nos retábulos de S. Bento, em Salamanca, em Cáceres, em Olmedo, em Abeda, em Palencia e em Madrid. Modelou também as portas monumentais e capitulares da Sé de Cuenca, com imagens relevadas no mesmo estilo e orientação das do côro de Toledo. Em Huete talhou igualmente uma grande portada, em Santa Maria de Castejon. Esculpiu em Palência o famoso sepulcro dos Marqueses de Pozas, com as estátuas orantes e muitas imagens a sobrepôr las no alto da composição, um pouco mais simples que o majestoso túmulo de D. Francisco de Vargas e sua mulher D. Inês Carvajal, na Capela do Bispo, em Madrid, cujo retábulo congestionado de imaginária ornamentação, muito à maneira espanhola, nos atordoa e esmaga.

S. Tomé. Relêvo da catedral de Toledo

Há um facto curioso e estranho na sua vida. Pouco antes de arribar à terra natal, foi nomeado pelo Imperador, *escrivão do crime* na chancelaria de Valladolid, honra de abastados proventos que a sua linhagem justificou, em parte, e as amisades e preito da Côrte lhe quizeram render. Conquistador de muitos bens de fortuna, casou com mulher nobre e rica, de quem teve muitos filhos e com quem organizou grande casa, servído por criadagem e usando de mulas para viagem, o que provocou censuras e invejas no meio em que esculpiu a maior parte daquela obra imorredoira. Pouco depois de terminar a jazida magnífica do Cardeal de Toledo, ali faleceu no hospital de Afuera, em 1561, tendo sido sepultado na igreja de la Ventosa.

DIOGO DE MACEDO.

Pormenor do sepulcro do Cardial Tavera



O próprio motorista do camião ambulância apresenta-se devidamente precavido contra o flagelo dos gases

Nos tempos que vão correndo, uma das preocupações que mais apoquenta a Humanidade é a defesa da guerra química, êsse monstro traiçoeiro que empolga os pobres com a voracidade da peste.

Neste assunto fala de cadeira o sr. tenente farmacêutico Gomes da Costa que nos dá os mais preciosos ensinamentos.

Indo procurar as origens do pavoroso flagelo, o ilustre oficial químico diz que ela remonta a 600 anos antes da Era Cristã, citando a acção de Políbio e Enêas, e referindo-se aos cercos de Deli e Platêa.

Os velhos conhecimentos indicam as vantagens do emprêgo do vinagre embebido em panos e com terra, na extinção das fogueiras produtoras de fumos tóxicos, ou melhor sufocantes.

E então, o tenente Gomes da Costa salienta:

De facto, sempre que a Humanidade entra em guerra, aparecem tentativas de emprêgo de substâncias da mais variada ordem — enxôfre, alcatrão, rezina, petróleo, carvão, estôpa, etc. — com o fim de enfraquecer o inimigo em luta. As tentativas repetem-se de século para século, até que no tempo de Napoleão III, aparece a primeira tentativa de emprêgo de projécteis asfixiantes, feita contra cães, nos campos de Châlons, com resultados positivos. Pouco mais ou menos na mesma altura, um professor alemão, Bayer, refere-se à possibilidade de emprêgo de gases asfixiantes, sob o ponto de vista militar, no decurso de uma conferência, realisce em seguida o projector: foi muito usado em Munich.

Operários trabalhando na extinção dum incêndio provocado por uma bomba atirada por um avião

SURPRESAS DUFUTURA GUERRA

O PAVOROSO FLAGELO GASES ASFIXIANTES

Os povos sentem as primeiras repulsas c[ontra] os 45 graus, lembrava o morteiro da actual infantais ideias e, prevendo guerras futuras emria. O emprêgo simultâneo de vários projectos gases fôssem utilizados, as Convenções, comandados elèctricamente, lançando, à disHaia de 1899 e 1907 decidem que seja proíncia de 1 a 3 quilómetros. projécteis de 20 a 25 o uso de semelhantes meios de quilos de pêso, ocasionavam combate. Mas a verdadeira guer- efeitos rápidos e seguros, sem ra química aparece. possibilidade de se dar o sinal de alerta a gás. Tinha o inconveniente do projéctil fazer um forte zumbido, grande chama e detonação forte que, uma vez conhecidas, diminuiam os efeitos anteriormente ditos.

No dia 22 de Abril de 1915, no sector compreendido entre Bixchoote e Langemark, no Ypres, os alemães empregam, pela primeira vez, um ataque de cloro sob a forma de nuvem, contra tropas francesas e canadianas. As baixas constatadas foram de 5.000 mortos e 10.000 homens com lesões graves. Pouco depois repetem o ataque na frente russa, conseguindo ali um novo êxito, debaixo do ponto de vista militar, imobilizando duas divisões contrárias. Os relatórios apresentados pelas repartições militares traduzem de uma maneira evidente a impressão causada pelo emprêgo de tão terrível meio de agressão. Não só os altos comandos se mostram apreensivos com as perdas de pessoal e material, mas até os próprios serviços de saúde militar.

Uma horrível cena mais se esquece

A 25 de Setembro do mesmo ano, os ingleses, ou melhor, os aliados fazem o primeiro ataque com cloro. Pode-se pois afirmar que a mais traiçoeira e perigosa arma de guerra de todos os tempos tinha o seu uso generalizado.

O primeiro processo de agressão por gases usado foi o de nuvens ou vagas. O agente químico a empregar deve apresentar-se no estado líquido, tendo um ponto de ebulição muito baixo. Pode ser transportado em garrafas de ferro de pêso variável — 20 a 40 kgs. — e vaporizado, impregnada de um soluto de 10 % de hipossulfito de sódio com 1 % de água de cal.

Os vapores emitidos devem ser densos para assim empregados o cloro e o fosgénio. De uma maneira geral, podem-se dividir os apanuvens, devido à sua transparência, foram melhos de protecção individual, segundo o seu apadas opacas com cloretos fumígenos; ex. o ecimento e uso em: mordaças, tampões, capuzes cloreto de estanho, com o nome de opacin máscaras. As mordaças foram como atrás se diz, vento tem uma importância primordial: a vo primeiro sistema que se improvisou. Eram inidade óptima é de 2 a 5 metros. Para remedialmente feitas de gase hidrófila, mas esta, moinconstância do vento, uzaram-se bases de mando-se, impedia a respiração. Mais tarde usasão secundária noutras direcções. O major am-se de tecido esponjoso. Impregnavam-se Livens, inventor do projector adiante citado om soluto de hiposulfito e carbonato de sódio. mou que, se a guerra foi ganha pelos al cloro em excesso dava origem à formação de muito tinha contribuído o facto de o venticidos sulfúrico e clorídrico, que neutralizavam o sudoeste na frente francesa, pouco mais o carbonato. Um indicador — o metilorange, por ex. nos, dez meses no ano. A natureza do terren — ao virar a vermelho, dáva-nos a indicação de importância na marcha da nuvem ou vaguerda do valor como neutralizante dêste rudimengrandes massas vegetativas (bosques, florestas, tipo de aparelho de protecção.

parques, etc.) impedem a progressão. O s Todos os agentes químicos, atrás citados, reaelevar as vagas, devido à formação de contem com uma maior actividade e segurança em meio húmido; daí o emprêgo alemão da mordaça com carbonato de sódio dissolvido em água glicerinada. Foram estes os meios empregados em 1915. Aparece em seguida a mordaça aumentada de superfície constituindo o tampão, permitindo já uma maior adaptação aos dois lados do nariz. Era mais ou menos assim o primitivo modêlo usado pelos franceses e chamado de Berthier. O uso do tampão desenvolve-se, aparecendo modêlos com armadura metálica maleável, podendo adaptar-se à cara.

Aparecem em seguida os bombardeamentos de artilharia empregando projécteis com gases fugazes ou persistentes. No primeiro caso, para aumentar um pouco a aderência ao terreno e retardar a diluïção no ar, juntava-se um cloreto fumigénio. O segundo caso era empregado sempre que se pretendia infectar uma determinada zona.

Surgem-nos depois os bombardeamentos aéreos. Para êste tipo de agressão só os gazes persistentes têm o seu emprêgo recomendado. Militarmente, êste processo de ataque químico tem muito maior número de vantagens a apontar que o anterior.

É descreve-se então uma infinidade de gases: o cloro, o fosgénio ou oxicloreto de carbono, os vesicantes, os irritantes, os lacrimogénios, os tóxicos, etc., etc.

Como é natural, o homem que espalhou o mal, procurou a maneira de se precaver contra êle. E inventou os aparelhos de protecção.

No primeiro ataque de gases, os alemães defendiam o pessoal encarregado dêste serviço, com um tapa-bocas ou mordaça de borracha esponjosa destinado à protecção contra os gases lacrimogénios. Êste tipo de aparelho tinha o inconveniente de elevar a temperatura interior, a má adaptação e pouca estanquecidade junto do pescoço. Em princípio de 1916 aparece novamente o tampão, mas com impregnação; foi utilizado o óleo de rícino e o ricinato de sódio, fundamento na acção física da dissolução dos gases nos óleos. As reacções químicas baseadas nos neutralizantes até aqui usados eram demoradas, digamos lentas, em relação aos novos agressivos químicos que começavam a ser empregados.

* * *

Seria muito fastidioso, senão impossível, enumerar a enorme quantidade de modêlos existentes no mundo. A indústria lança quási que diàriamente modêlos que são apresentados como maiores ou menores panaceias. Todos êles se fundamentam numa maior actividade, melhor adaptação, grande poder de neutralização do cartucho filtrante, boa visibilidade com segurança, boas qualidades de conservação, etc., etc. Em Portugal, nos serviços militarizados, o modêlo ainda em uso, oficialmente aprovado, é a máscara inglesa Mark — 4-1930, sôbre cuja nomenclatura e funcionamento é dada instrução na Escola de Gases e Fumos que funciona junto da Escola Prática de Engenharia em Tancos. O equipamento anti-gás dêste tipo compõe-se de uma bolsa constituída por tela impermeável à água, servindo de receptáculo aos restantes orgãos; o aparelho de protecção individual contém um filtro, em caixa metálica redonda, contendo neutralizantes ou retentores de gases; tubo em borracha revestida de tecido; máscara em borracha revestida, com bocal, válvula de expiração, canal nasal; óculos elásticos de fixação e o corpo de máscara. Faz parte ainda deste equipamento uma caixa metálica contendo pomada anti-embaciante destinada a evitar o ofuscamento dos óculos e tiras de flanela para limpar os mesmos e espalhar pomada.

Funcionamento: — O ar inspirado entra no filtro através da válvula de inspiração; segue depois pelo tubo ao bocal da máscara, ramificando-se por dois canais até sair junto dos óculos. Quando se inspira, a válvula de inspiração fecha, e o ar sai pela de expiração, situada na parte anterior do bocal. Êste tipo de máscara não protege contra o óxido de carbono.

O aparelho isolador de Dreschel consta de um depósito de oxigénio, saco respiratório de borracha, caixa contendo sóda ou potassa cáusticas, pinça para o nariz e um par de óculos. São aparelhos muito pesados e de custo elevado.

As precauções são adeptadas até nos recolhimentos religiosos onde só deveria entrar a palavra de Deus

Árduo trabalho para equilibrar a balança da Justiça...

Já lá vai o tempo em que o trabalho era considerado um martírio.

Na verdade, não havia outrora condições nenhumas para que o mister de cada qual se tornasse agradável de desempenhar.

Na já distante Idade Média, cheia de religiosidade, de fanatismo até, que importava ao Estado ou à Sociedade que os seus membros gozassem saúde, que o trabalho fôsse leve e agradável, que se deviam evitar tanto quanto possível as doenças, porque diminutos eram os meios de cura?

Mens sana, sim; *in corpore sano,* não importava por aí além.

Era rude e primitiva tôda a engrenagem medieva.

Kronos, que nunca se detém, êsse deus mitológico que resolveu para si o problema do *motu-contínuo,* ia rolando ininterruptamente. Os anos foram, pois, correndo.

Êsses anos formaram lustros; êstes constituíram séculos.

E começou a pensar-se diferentemente: o homem, como engrenagem de tôda esta complicada máquina que é a sociedade, precisava de protecção, de carinho, de condições higiénicas e sanitárias que lhe permitissem gozar uma boa saúde.

Como diria mais tarde um ilustre escritor, à medida que a civilização ia fazendo conhecer ao homem os seus benefícios e as descobertas científicas iam aumentando o bem-estar e desfazendo velhas lendas só próprias de espíritos atrazados, o sêr humano voltava-se mais para a Terra, descurando um pouco ou melhor, reduzindo a proporções razoáveis a sua adoração ao Ente Supremo. Era a cunjugação, a síntese, do espírito com o corpo.

Êste movimento, universal, que se iniciara ao declinar do século XVIII, estendeu-se por todo êsse glorioso século XIX, que tantos detratores hoje tem, e atinge o seu apogeu nos nossos dias. E muito numerosas são as escolas filosófico-económicas que incitam a intervenção do Estado em favor do trabalhador, nos aspectos material e moral, para a fixação dos salários, para a conservação da saúde, para o amparo na doença e na vèlhice, doutrinas a que o catolicismo deu a sua adesão na notável encíclita *Rerum Novarum,* de Leão XIII, a qual, em 1931, foi completada pelo sábio papa Pio XI com a *Quadragesimo Anno* — ambas formando um marco imperecível na história da Igreja Católica.

A limpeza das lanternas do «New York Times»

Se hoje se entrar numa oficina, numa fábrica, em qualquer local de trabalho, verifica-se que a temperatura é agradável — a natural é refrescada no verão e aquecida no inverno; os diferentes maquinismos foram adaptados tanto quanto possível à comodidade e segurança de quem tenha de os manejar; a assistência no desemprêgo, na doença, na invalidez, está garantida.

São mesmo já numerosos os locais onde se ministra uma alimentação racional ao trabalhador: quere dizer, com um mínimo de despesa ingere-se o máximo de vitaminas.

A verdade, todavia, é que, com tôdas as comodidades hodiernas, são numerosos ainda os indivíduos que, sujeitando-se embora ao sol ardente ou às intempéries desabridas, preferem trabalhar ao ar livre. É, afinal, aquela velha fábula do cão e do lobo, em que êste, apesar de esfomeado, preferia assim continuar a, bem alimentado e com boa cama, ter de se sujeitar à coleira e à prisão durante o dia.

Acontece ainda que nem todos os trabalhos podem ser feitos debaixo de telha: há-os assim para todos os gostos e paladares.

Seria absurdo pensar-se em construir uma casa ao abrigo do teto duma oficina ou lançar uma ponte de modo semelhante.

Na Europa, porém, nenhum requisito anormal se exige para êstes misteres exercidos ao ar livre: suficiente robustez física, alguma agilidade e uma saúde que não se abale fàcilmente, eis o que basta.

Na América, já o caso é muito diferente.

Acresce, efectivamente, um requisito que é de uma importância primacial na

A VERTIGE

Modos de ganhar a vida q

Grangeia-se o pão assi

A montagem dos arranha-céus norte-americanos força os operários a verdadeiros exercícios de acrobacia

DO TRABALHO

oferecem perigos de morte

como quem faz alpinismo

escolha do assalariado. É o de o candidato a trabalho ao ar livre não sofrer de vertigens.

Sim, leitor, porque é radicalmente diferente trabalhar no telhado dum prédio que não sobe a mais de dez a vinte metros, ou no terraço dum outro que, com os sessenta ou setenta andares de que se compõe, se eleva a muito mais de uma centena de metros.

De facto, o vigamento metálico é aquele que exige os homens mais robustos, com um pé bem firme e uma vista que não se turve ao olhar o abismo.

Os numerosos arranha-céus que a América, e os Estados Unidos principalmente, ostentam nas várias cidades, de Nova Iorque á beira do Atlântico a São Francisco do outro lado, lá na Califórnia, debruçada sôbre o grande oceano que se denominou de Pacífico, são constituídos por uma estrutura de aço, esqueleto grandioso no qual se vão ligar as paredes, as internas e as externas, tão essenciais ao edifício como o próprio arcaboiço.

O método americano de construção, para que se demore o mínimo espaço de tempo possível, difere fundamentalmente do europeu.

Ao mesmo tempo que se vai terraplenando o local escolhido e abrindo os alicerces, em oficinas apropriadas prepara-se a ossatura do edifício a construir, que é montada com grande rapidez, pedindo-se o auxílio a potentes gruas que levantam à altura necessária os enormes blocos de aço.

Acabado êste serviço, uma verdadeira legião de operários, do pedreiro ao caiador, trabalham simultâneamente em todos os andares. Assim um edifício de algumas dezenas de pisos, que no velho continente demoraria uma infinidade de tempo a levantar, está concluído em alguns meses na América, graças ao bom senso prático dos *yankees,* que, apesar das suas *madurezas,* dos seus modos de proceder que muitas vezes os europeus e, em especial, nós os latinos, não compreendemos, são porém muito práticos nas suas realizações, são século vinte cem por cento.

E a enorme altura das casas americanas levanta outros problemas: a limpeza das fachadas, dos edifícios, a pintura, etc., etc.

Mas o serviço faz-se: circulando por um entablamento de, apenas, sessenta centímetros de largura, ligado por cabos, o operário vai meticulosamente fazendo o trabalho que lhe compete.

No entanto, lá do 50.º andar, de cento e cinquenta metros pelo menos, não deve ser nada agradável contemplar a 5.ª Avenida ou a Broadway, sem resguardo de qualquer natureza.

Você, gentil leitora, que se se debruça sôbre o Chiado do alto do elevador de Santa Justa, cai logo desamparada nos braços da pessoa que porventura a acompanhe, já havia pensado alguma vez nos homens que desempenham tão perigosas funções?

E pintar as pontes? Êsse é outro trabalho para que são precisas uma fôrça e uma coragem muito grandes, insuperáveis.

Uma revista francesa descreveu algumas obras duma ousadia extraordinária, como sejam as pontes suspensas de Nova Iorque e de São Francisco, ambas com distâncias entre os pilares extremos que ultrapassam o quilómetro.

Sôbre o Hudson, mil seiscentos e sete metros medeiam entre as duas extremidades da ponte de Nova Iorque; um pouco mais pequena, com menos trezentos e noventa metros, é a da cidade californiana.

Os tabuleiros das pontes estão ligados a cabos, que atingem um metro de diâmetro, mas que necessitam, para se conservarem e fugirem á acção destrutiva dos agentes atmosféricos, de ser pintados com muita freqüência.

Foi por isso que em Nova Iorque se constituiu uma brigada de operários pintores que trabalham contantemente nas pontes: logo que, com todo o cuidado e sem escapar um centímetro, pintaram tôdas as partes da obra, êles recomeçam de novo no outro extremo da ponte. E assim sempre, sem haver qualquer interrupção no serviço, pois da sua boa execução e freqüência depende a vida dos que se utilizam dos tabuleiros.

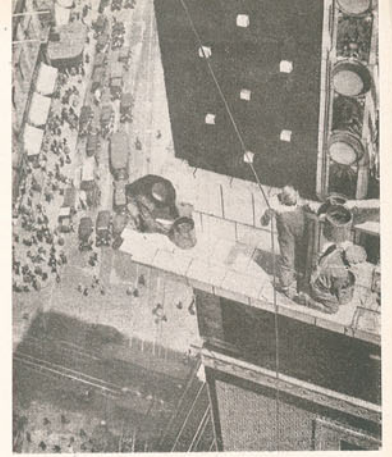
Não quere dizer que na Europa não haja também obras em que trabalhar lá representa um perigo: é o caso dos Inválidos e da Tôrre Eiffel, em Paris; de alguns edifícios londrinos, berlinenses, etc. O que se nota é que, enquanto aqui é uma excepção, na América é regra os edifícios e os monumentos serem de altura fora do vulgar.

Finalmente, outros serviços há para os quais se precisa de ser bom alpinista.

Já alguma vez pensou, leitor, nos trabalhos, nos dramas que estão ligados à construção dum funicular? É preciso primeiro desbravar o caminho, transportar os materiais, assentá-los, montá-los, pô-los prontos a um bom e perfeito funcionamento, que ofereça a segurança indispensável.

E depois dêle estar a funcionar, necessário se torna uma aturada vigilância em todo o trajecto do funicular, vista a possibilidade de qualquer leve desarranjo originar um desastre de conseqüências, talvez, gravíssimas.

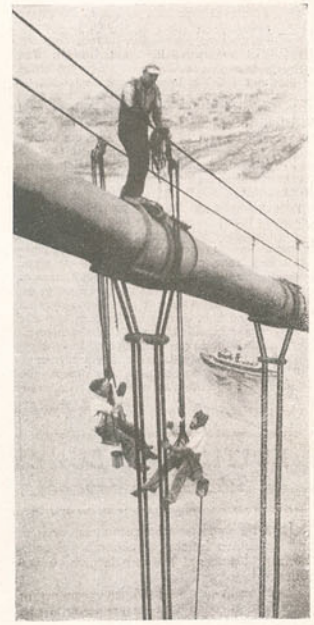
Enfim, é a eterna luta do Homem com a Natureza: esta, imutável, obedecendo a leis físicas que não variam, e que apesar disso provocam de vez em quando surpresas muito desagradáveis ao pobre bicho humano, que afirma conhecê-las já de sobejo; aquele, o eterno insatisfeito, orgulhoso por temperamento, engenhoso por necessidade, procurando por todas as formas torpedear as leis naturais, procurando quotodianamente novos caminhos que o possam levar mais além.



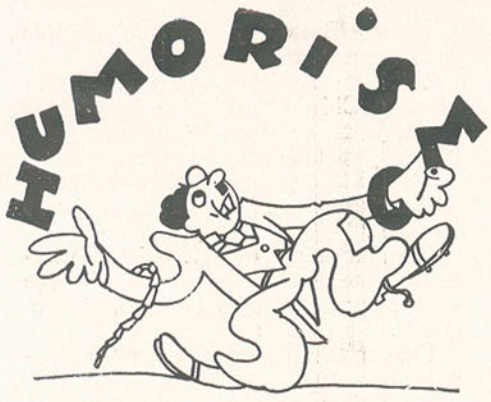
Como se limpam as fachadas das casas de Nova Iorque

Sempre o mesmo pensamento: Plus ultra! Mais além, para que inacessível, vedado ao homem, sejam duas palavras que possam desaparecer, duma vez para sempre, de todos os dicionários!

GASPAR DA CRUZ FILIPE.



Operários que levam a sua vida recomeçando num ponto onde tantas vezes tinham iniciado o seu trabalho e assim sucessivamente



PEDRO chega ao café e vai a sentar-se — como de costume — ao lado do seu amigo Paulo. Este não o deixa sentar-se:

— Disseram-me que falavas muito mal de mim.

— Quem te disse uma coisa dessas?

— Alguém... Alguém que tu não conheces...

Pedro sai furioso — gritando:

— Parto a cara á primeira pessoa que eu não conhecer!

—•—

— Dá-me seis vintens de linimento e seis vintens de cimento — pediu o rapazito na drogaria.

— Queres os embrulhos separados? — preguntou o droguista.

— Quero, sim, senhor — respondeu o rapaz. — Um é para a mãe, para ela concertar o bule.

— E o linimento é para o pai? — disse o droguista.

— E' — respondeu o pequeno. — Foi em cima dêle que a mãe partiu a bule.

—•—

Pregunta alguém a um antigo militar, que servira durante a guerra franco-prussiana qual fôra a maior façanha que praticára. O ex-guerreiro respondeu com orgulho:

— Cortei as pernas a um inimigo!

— Porque não cortou antes a cabeça?

— Porque já lh'a tinham cortado.

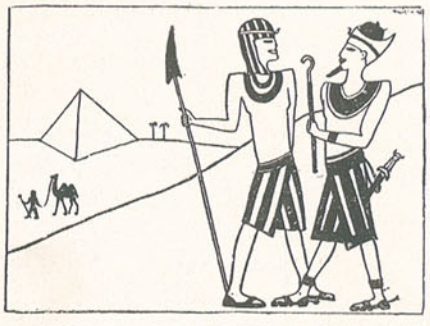
—•—

— ¿O que é uma execução capital? pregunta alguém, numa roda de boémios.

— E' uma *matinée* dramática onde o principal actor perde a cabeça mal entra em cêna.

—•—

Um ricaço de província, que desejava estabelecer residência na capital, dirige-se a um escritório de trens de aluguer e expõe ao empregado, um aranzel tôlo, que desejava uma carruagem luxuosa aos mezes e acrescenta:



— Então o que te parece o túmulo que mandei construir?...
— Parece-me... piramidal!!...

— Quando eu fôr só na carruagem, vai só uma cavalgadura, e quando eu fôr com minha mulher, vão duas, entendeu?

— Perfeitamente, e vá V. Ex.ª descansado. Cada pessoa, cada cavalgadura. E meninos não tem?

— Não senhor, mas porque me faz você essa pergunta?

— E' porque se os tivesse, e fôsse algum de carruagem, era mais uma besta.

—•—

No confessionario:

Um penitente ajoelha aos pés do confessor, e depois de persignar-se e de rezar a confissão, pregunta-lhe o padre:

— Vem com fé e contricto?

— Não, sr. padre; venho sòzinho.

—•—

Entra um freguez num restaurante e pregunta:

— O que há hoje para o jantar?

O criado respondeu pressurosamente:

— Canjacroquettespeixelinguaervilhasrosbife.

— Alto! exclama e freguez, traga-me as duas primeiras sílabas e as últimas três.

—•—

Antes da guerra, um turco falava com um europeu sôbre poligamia.

— Na Europa — pregunta êle — quando se é casado com uma só mulher, como é que vocês chamam a isso? Mono... Mono...

— Monotonia! — informa o europeu.

—•—

Um jóvem engenheiro agrónomo que acabára de saír da escola, fala com ares de grande superioridade a um lavrador que lhe mostrava a sua propriedade e as suas culturas.

— Os seus métodos são muito rotineiros. Repare naquelas árvores: tratadas como estão, aposto que não chegam a produzir dez quilos de maçãs...

— E ganhava a aposta, sr. engenheiro — replicou, em tom sarcástico, o lavrador — visto que as árvores não são macieiras, mas pereiras...

—•—

— Meu caro amigo, faz-me um favor? Acabo de reconhecer com profunda sensaboria que me esqueceu a bolsa em casa. Empresta-me cem escudos?

— Não lhe posso emprestar cem escudos, mas posso proporcionar-lhe o meio de os arranjar.

— O' meu amigo, quanto lhe agradeço!

— Aqui tem cinqüenta centavos; meta-se no eléctrico e vá buscar a bolsa a casa.

—•—

Max, a coxear e a sofrer, foi consultar o médico, a-quém mostrou as desancadas canelas cheias de feridas com o pior dos aspéctos.

— Vejo que é um jogador de rugby, — declarou o clínico, depois da respectiva observação.

— Engana-se, sr. dr. Sou apenas jogador de bridge, e tenho como parceiro a minha mulher.

—•—

O Fernando tinha comido a parte macia das torradas ao almôço e deixando ficar as côdeas num monte dentro do prato.

— Quando eu era um rapazito da tua idade — observou-lhe o pai — comia sempre as côdeas das minhas torradas.

— Olhe, meu amigo, aquela casa da esquerda é do meu cão e esta da direita é a garagem do meu automóvel...

— E o papá gostava delas? — preguntou o Fernandinho animadamente.

— Gostava — respondeu o pai.

— Então pode comer estas — disse o pequeno, empurrando-lhe obsequiosamente o prato.

—•—

O Manecas ouviu dizer que nos livros de estudo se encontram, ás vezes, certos micróbios perigosos.

— Podes estar descansado, papá — declarou o miudo — Para evitar êsse micróbios é que eu nunca abro os livros, nas aulas...

—•—

Dois mendigos de profissão, amigos velhos, encontram-se à porta de uma igreja.

— Então, já não fazes de cego?

— Não; tem grandes inconvenientes. Dão-nos muitas vezes dinheiro falso, e a gente não pode rejeital-o.

—•—

Dia de grande baile no palácio de madame Pires.

Ela: — Estou pronta. E tu? Julgava que o estivesses há muito...

Ele: — E' certo. Mas esperei tanto tempo, que tenho agora de fazer a barba outra vez...

A ARTE, CONSÔLO DO INFORTÚNIO

Há vidas de mulher que a desgraça despedaça, esfarrapa, lança na miséria e desvaira no crime, mulheres que têm de saldar dividas tremendas à sociedade, que têm de expiar para com Deus pecados horrendos, ou faltas, que o meio em que vivem, torna quási inevitáveis.

Para com essas mulheres a justiça humana é severa, e, tem de o ser para evitar que o mal se propague, e, que essas desgraçadas avancem cada vez mais na senda tremenda do crime, espalhando o mal à sua volta.

Presas e condenadas, essas mulheres vivem numa das mais dolorosas coisas que existem na vida; na prisão. Com o sentido da liberdade, instinto que existe em tôda a gente, que domina a humanidade, não pode haver maior castigo do que a prisão.

Para mim, a porta chapeada de ferro duma prisão, as grades que limitam o horisonte, e, que até no chão se marcam, quando o sol rei da criação, banha as janelas, causam-me uma muito maior impressão, do que a porta dum cemitério ou a dura pedra que cobre uma sepultura.

E' tão doloroso entrar num cárcere, como seria descer a uma sepultura. Mas o desejo de conhecer o que póde resultar de bom, dos grandes males, levou-me há dias, á prisão das Mónicas.

A nossa prisão das mulheres está longe de ser uma prisão modelar, em nada se parece com essas prisões que fazem da Alemanha um exemplo do género; prisões, que chegam a ser agradáveis aos olhos, e, que dão mais a impressão da reparação, do que a do castigo.

Mas não sendo uma prisão dessas que causam admiração, é tão grande o aceio que nela existe. E' tão caiado êsse claustro onde outróra passeavam as puras religiosas, e, onde de um lado para o outro, passam hoje as criminosas, tão branco e iluminado com o seu roda-pé azul mediterraneo, que perdemos um pouco a triste impressão do cárcere, e se não houvesse janelas gradeadas seria quási alegre num luminoso dia de sol; o claustro branco e azul das Mónicas.

Por todo o edifício, o mais prodigioso aceio, por tôda a parte essas pobres mulheres, vêem a limpeza, a ela se habituam.

A maioria são pobres raparigas dêsses miseráveis bairros que inda existem em Lisboa, e que o govêrno está substituindo, por bairros saudáveis e higienicos, o que é uma das mais necessárias e louváveis obras que pode fazer, porque assim se acabará com essa triste sementeira do vício, que nêsses bairros alastra, em sinistra seára.

Raparigas que nascidas e criadas na suja promiscuidade da miséria abandonada, sem a mais leve noção de moral e do que é bem e do que é mal, cresceram como arbustos, que o vento da vida açoita, derruba e arrasta para o enxurro do mal, porque não houve talvez quem caridosamente as amparasse e servisse de esteio à sua pobre fraqueza.

Naquele ambiente de aceio e limpeza, a maioria dessas pobres mulheres, têm o aspecto de criaturas normais, fisionomias simpáticas algumas, que vivendo de outra maneira teriam sido talvez felizes e bôas. Dormitórios dum grande aceio e arranjo, salas de trabalho e em cima num amplo salão, a créche, cheia de crianças, de pequeninos entes, que abrem os olhos à vida. Numa prisão, que para a sua inocencia, não é um tormento, e que é adoçada por uma dessas maravilhosas vistas, com que Lisboa surpreende no mais inesperado recanto.

Do terraço gradeado onde as crianças estão nos dias lindos; avista-se o Tejo, deslumbrante e azul, numa extensão enorme, e, que nos enche os olhos de beleza e deve dar ás pobres presas uma maior ânsia de liberdade, porque essa estrada aberta que é um rio e que é um porto, onde chegam e partem transatlânticos, dão-nos sempre o desejo da liberdade, e a nostalgia do mundo.

Mas as criancinhas na sua infantil alegria nada vêem senão o sol que as alegra e satisfeitas de não estar longe das mães, que as vêem todos os dias, brincam descuidadamente.

E que elemento de regeneração não são êsses olhos inocentes que fitam com amor a mãe que para êles é a primeira entre tôdas, embora aos olhos do mundo seja uma criminosa!

Mas voltemos ao andar terreo, ao claustro alegre e soalheiro e entremos na sala em que grande número de presas trabalham, nos tapetes de Arraiolos.

E' dirigida essa oficina pela senhora D. Maria Arantes, alma de artista, que ainda em vida de seu marido o escritor Hemetério Arantes, se tinha apaixonado pela beleza dos tapetes de Arraiolos e ideou ressuscitar essa indústria morta, que nos vinha de tão antigos tempos.

Senhora duma alta cultura, não tratou o assunto apenas debaixo da idéia de fazer tapetes bonitos, mas sim a de crear de novo uma arte desaparecida, e, estudou os desenhos antigos, inspirando-se naqueles maravilhosos tapetes que pertencem á colecção de José Relvas e estão nêsse museu, que é a casa das Patudas em Alpiarça.

Estudou a questão desde a base e conseguiu arranjar lãs com essas côres antigas, deliciosas de tom e duma suavidade encantadora, lãs que já não existiam.

E conseguiu não só fazer lindissimos tapetes como fazê-los tão primorosamente que não devem nada aos antigos em beleza e gôsto.

Essa senhora foi escolhida para essa linda obra, que é consolar almas doridas com a vista do belo e tão grande tem sido a sua influência junto dessas pobres mulheres, que tendo debaixo da sua direcção presas das mais criminosas, é nelas que se encontra o maior número de regeneradas, de mulheres, que com o seu arrependimento resgatam o seu crime, seja êle qual fôr.

E' que a beleza e arte não podem deixar de ter uma influência soberana numa alma de mulher, mesmo que essa alma tenha endurecido no crime.

E uma das presas com quem falei, disse-me palavras que não esquecerei. «E' um trabalho bonito êste de combinar as côres, e seguir o desenho faz passar as horas tão depressa!»

Passar as horas tão depressa, que melhor obra de caridade pode haver para com uma condemada, que conta as horas, os minutos, os segundos, que a separam da liberdade anciadamente desejada.

Fazer com que um trabalho as interesse a ponto de esquecer que a vida vibra, fóra daquelas grades, que aferrolham a sua mocidade ou os últimos anos duma vida que avança, é a melhor maneira de exercer a bondade.

E crear beleza enaltece quem a cria, e essas mulheres que arrependidas, ponto a ponto, horas sôbre horas, criam essas obras de arte recebem o perdão de Deus, e, resgatam os seus crimes pelo que deixam de belo aos homens. Fizeram mal à sociedade, mas êsse mal é resgatado pelas obras de beleza que anonimamente lhes legam.

E as flores nascem dos seus dedos e a heraldica beleza de desenhos, que as côres matizam com arte, absolvem-nas e incitam-nas ao bem.

Pelas nossas gravuras podem as nossas leitoras avaliar o encanto dêsses tapetes, que saídos do cárcere adornam, salas ricas de palácios, tornam confortáveis ninhos de noivas, que começam a sua vida, levam ás embaixadas a arte portuguesa.

Êsses tapetes que sonhos não abrigarão, quando as horas passam, que saudades da vida não representam no seu aturado trabalho.

São imensas as encomendas e ali são reparados também os tapetes que sofreram estragos e reparados de tal maneira, que ficam perfeitos.

Não podemos deixar de nos inclinar profundamente diante de quem teve a idéia de fazer criar beleza ás mulheres às quais a negridão da vida tinha escurecido a alma.

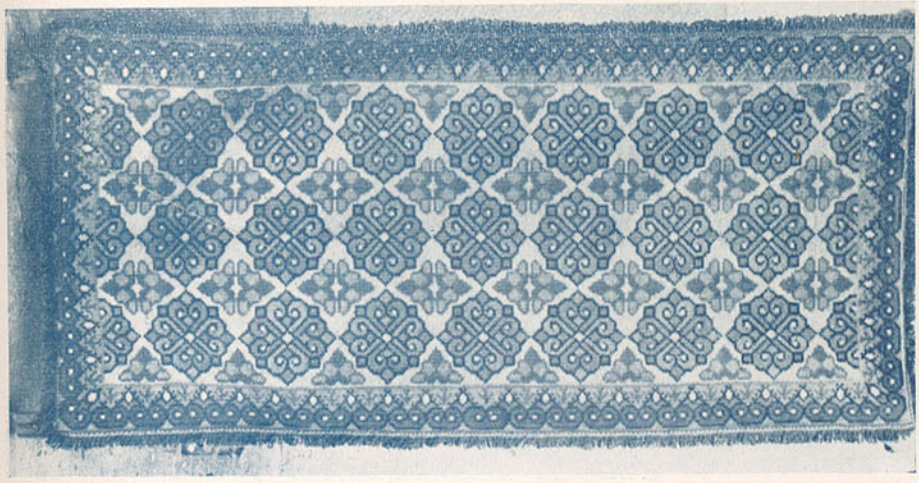
A senhora D. Maria Arantes, merece o respeito de tôdos os que se interessam pela arte, o agradecimento de tôdas as mulheres, que têm na alma sensibilidade e que não podem deixar de ter a maior compaixão, para com as pobres, que uma infância num torpe meio, ou uma hora de paixão trágica lançou na tristeza do crime em geral inconscientemente realizado, ou ainda causado por taras inconfessáveis dos que as deitam ao mundo, ou que a fatalidade lhes depara na vida.

Bemdita a Arte, que faz nascer flores dos abrolhos e que serve de consôlo à tristeza da prisão, ao infortunio do crime.

Arte que redime e que levanta, obra que encanta e que enriquece o país Horas de amargura e de dôr que se tornam em mimosas flores, em côres doces, em riscos artísticos, horas de saudade, de rancor talvez, rancor que a arte consola.

Os tapetes de Arraiolos da prisão das Mónicas, os mais artísticos que tenho visto são a mais bela obra de caridade; a que remunera o trabalho, permitindo que as reclusas tenham um pequeno peculio, à saída e, obra de arte que deixará nessas almas a inclinação para o belo, que dá também a inclinação para o bem.

MARIA DE EÇA.



Como foi que se perdeu a batalha de Alcacer Quibir?

Relato baseado nos livros árabes que imparcialmente contam a verdade

O sepulcro de Mulay-Abd-el-Malek, vencedor da batalha

FORMAVA o exército português uma massa compacta e ordenada, precedida de cavaleiros e arcabuzeiros, cobrindo a vanguarda, composta de: Afonso de Aguiar, comandando os espanhóis e italianos; Luís de Godoy, os atiradores; ao centro os aventureiros comandados por Álvaro de Távora, à direita, os tudescos sob a direcção do coronel Talberg, encobertos pelos arcabuzeiros portugueses e os fronteiros de Tânger, comandados por Hércules de Piza. Os contingentes das diversas nações, alugados ou voluntários, em fracções mais ou menos pequenas, vinham agregados àquêle corpo de exército.

O maior corpo de batalha era formado pelos portugueses, levando à frente D. Miguel de Noronha e Vasco da Silveira.

A retaguarda era composta pelas legiões portuguesas de Diogo Lopes da Silveira e Francisco de Távora. Todos estavam alegres e embora sabendo que iam morrer, aceitavam a morte com o maior desprêso... Seguiam encobertos por trezentos mosqueteiros e duas peças de artilharia.

As outras peças iam na vanguarda, e a cavalaria formava em duas secções aos lados.

Mas o grôsso do exército fôra entregue a D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro, e a direita correspondente a Rodrigo da Silveira; a esquerda escoltava o estandarte real e junto a êle, em guarda, seguia o conde de Portalegre, o embaixador de Espanha e D. Teodósio de Barcelos, filho primogénito do duque de Bragança, o qual, apesar dos seus escassos doze anos de idade, fôra mandado por seu pai, que se encontrava gravemente doente, mas que, seguindo a mentalidade do tempo, preferia sacrificar o filho, a que o seu apelido e sangue faltassem ao lado de El-Rei.

No lado direito da retaguarda formava El-Negro com duzentos homens apenas. As bagagens, incluindo carros, assim como os constantes acompanhantes do exército, e as mulheres, ficaram na retaguarda.

Tomadas estas disposições, El-Rei descera à planície. O sol caía a prumo; os corvos já pairavam no espaço à espera da prêza. Quem tem fome, adivinha... Assim aquelas aves já sabiam que tinham manjar certo dentro de poucas horas...

Quando o exército português abandonou a ponte, perdera para sempre as vantagens únicas que tinha sôbre o inimigo.

Hábil, El-Moluco, apesar de estar lutando com a agonia da morte, montou a cavalo, tomou as suas medidas de combate, e esperou que o inimigo o atacasse. Formou a infantaria (a maior parte era constituïda por arcabuzeiros) numa grande meia lua, e por detrás todo o exército em quadrado. A extrema direita, reforçada dalguma artilharia, era constituïda pelos renegados, e, na extrema esquerda, encontravam-se moiros andaluzes, aqueles expulsos de Espanha em tão má hora...

Duas divisões de dez mil cavaleiros reforçavam a ala, e os restantes em pequenos pelotões, constituíam a retaguarda.

A esquerda fôra confiada a Ahmet (futuro imperador) e êste que desejava envolver o exército inimigo, comandava a direita e o centro.

Avançaram os portugueses, e os moiros fugiram ao primeiro choque. Mas, El-Moluco já descobrira a nossa artilharia, as balas portuguesas de nada já serviam, faziam branco nos moiros...

A artilharia do imperador também fôra inútil.

Carregam os moiros: Duarte de Menezes, prático de Marrocos, deteve-os. Agora, as balas dos muçulmanos matam alguns nobres dos nossos, estabelecendo logo receios. Foi quando el-rei, temendo um fracasso imediato, gritou: «Santiago!» e a esta voz, repetida por todos os comandantes e soldados, os portugueses arremeteram com tal fúria contra a moirama que lhe destroçaram o centro do exército, desfazendo-o e dispersando-o, que arrastou na fuga uma grande parte da cavalaria. Tantos, porém, eram os moiros, que fôra necessário repetir por três vezes o mesmo golpe, para que se confessassem derrotados. Dois dos estandartes verdes que rodeavam a tenda de campanha do imperador, caíram nas mãos dos portugueses.

D. Sebastião aos onze anos — por Cristovão de Morais

D. Sebastião — por Cristovão de Morais

El-Moluco, quási a ser feito prisioneiro, vendo a fuga dos homens, e já nas ânsias da morte, pediu um cavalo e começou a reorganizar o exército tão espantosamente destroçado. Os seus ajudantes suplicavam-lhe que desistisse, porque ia morrer e assim evitava que o seu corpo caísse entre as mãos dos cristãos, quando, acometido duma síncope mortal, caiu desfalecido, e foi levado pelos seus homens à tenda de campanha, onde, dentro de poucos segundos, pondo um dedo nos lábios, expirou. El-Moluco tinha pouco mais de trinta anos. Era um génio extraordinário, inimigo leal, que nunca desejou a guerra, oferecendo tudo o que possuia para evitá-la, e a firmeza da sua alma estava tão à prova que, ainda nos momentos supremos, teve fôrça suficiente para fazer compreender aos seus que no segrêdo da sua morte estava a vitória. E, assim sucedeu ao pôr um dedo nos lábios, em sinal que se calassem.

Dali em diante um renegado espanhol, ocultado com o cadáver, falava por El-Moluco como se ordens procedessem da bôca do imperador...

A uma distância de quinhentos anos dois homens geniais alcançavam a vitória com o segrêdo da sua morte: O cid (Rodrigo Dias de Vivar) vencendo os sarracenos, e o imperador El-Moluco vencendo os portugueses.

Mas os alarves, selvagens que povoavam aquela região, aperceberam-se da morte do imperador — e fôram levar a «nova» da derrota dos moiros à capital espiritual do império — a Fez. Ainda hoje é tradição entre aquelas cabildas a derrota do exercito muçulmano.

O exército português, entusiasmado pela vitória, avançou tanto que já se encontrava em sérias dificuldades.

Mas os moiros, já repostos, começaram a oferecer séria resistência. Enquanto as alas avançavam, a moirama carregava massas sôbre massas de cavalaria, de modo que os nossos começaram a recuar, já envolvidos, e os árabes degolavam inexoravelmente todos os que lhes caíam nas mãos.

Acendeu-se, de novo, o combate, mas a presença do rei de nada servia. Já ninguém tinha fé nas suas ordens.

O duque de Aveiro, que estivera parado esperando ordens, ao vêr a imperícia do rei, por não receber instruções quando as devia ter recebido, resolvera dar uma carga, que fôra de resultados brilhantes, e que de novo fizera recuar a moirama. Mas esta lança se sôbre os tudescos, destroçando os completamente e não poupando a escolta real, que fizera apenas prodígios para se defender.

Nêste instante, ao sentir-se perdido, Ahmet fugiu com os seus esquadrões, pois bem via «que los lusitanos no cedian y estaban dispuestos a morir».

A disciplina não era, porém, uma qualidade do exército lusitano, e não poucos foram os esforços para reorganizar os nossos esquadrões e colocá-los de novo no seu ponto de combate.

Os veteranos não podiam conter os aventureiros, de maneira que, enquanto uma ala disciplinada combatia valorosamente, as outras, desordenadas, fugiam...

Neste permeio, onde estava el-rei, degolaram-se mais de quatro mil moiros. A fadiga e a sêde levavam muitos espanhois e tudescos à fuga desesperada.

Tudo isto era prova evidente da falta de solidariedade e homogeneidade daquele exército que nem tivera tempo para conhecer-se, fazendo cada um a sua vontade, buscando apenas o meio de fazer brilhar a sua nacionalidade alcançando-lhe a *vitória*...

. . . . . .

E assim se perdeu a batalha de Alcacer Quibir.

JOSÉ DE ESAGUY.

O rio de mau cheiro, onde morreram afogados muitos cavaleiros cristãos

Tumbas dos nobres em Alcacer Quibir, descobertas recentemente

PÓVOA DE VARZIM

A mais bela praia de Portugal e o seu monumental casino

Serão apenas meia dúzia de palavras para falar da Póvoa de Varzim, e do seu grandioso Casino.

Quem vier de automóvel, auto-car ou no Caminho de Ferro (a 25 quilómetros de distância do Pôrto), pode apreciar com vivo prazer a paizagem variadíssima desse famoso precurso que tem aspectos bizarros para o turista. Procure um dia de verão nesta época balnear e verá novos horizontes e o espectáculo surpreendente que se aproxima da Póvoa em que os cronistas chamam a mais bela praia de Portugal e onde os banhistas e os Poveiros se conhecem e sem estimam mutuamente.

Póvoa do Varzim. Hall do Casino

O encanto desta praia, está na familiaridade em que se vive, entre as famílias nortenhas. À vida da Póvoa está ligado o seu Casino, que é administrado na pessoa do seu príncipal gerente o Sr. Artur Adriano Ayres, e que tem um pesado encargo como tôda a gente sabe. Com um temperamento muito especial, muito activo e com uma visão clara e inteligente casa. Diga-se na verdade, o Grande Casino vive na sua alma, pensado nêle todos os dias e a tôdas as horas na organização de festas que êle oferece à colónias balnear, e porisso mesmo êle marcou um lugar de destaque na Póvoa de Varzim.

É lícito também falar do seu magnífico salão de baile com 666 metros quadrados, suas amplas e bem decoradas salas de espectáculos e de jôgo, restaurante e bars, pelo seu gôsto decorativo, etc.

A Póvoa de Varzim, alcançou dêste modo o título de praia elegante e moderna das raras em Portugal.

Está aberto o Casino; é notícia oficial que posso dar aos leitores da *Ilustração*. É ali o centro da elegância e da alegria.

J. P.

FIGURAS E FACTOS

O escritor João Paulo Freire (Mário) concluiu a sua obra *Os Judeus e os Protocolos dos Sabios de Sião* publicando o IV e último volume. Esta obra, digna de figurar em tôdas as estantes, contêm preciosa matéria de estudo. O volume fecha com esta afirmação em que transparece a mais cativante abnegação: «É pela caridade e pelo amor que se ganham as almas, e não pela fôrça. Alarguemos no mundo o reino da Caridade e do Amor, e o mundo salvar-se-á sem necessidade de matar os judeus»

Roberto Nobre não é só o artista do lápis e do pincel. Também sabe manejar a pena escrevendo um empolgante livro *Horizontes de Cinema*, em que a Arte dá o braço à Ciência. Ler êste livro é ficar ao facto das doutrinas fundamentais do cinema e passar a simpatizar com êle incondicionalmente em qualquer caso

Ao centro: O novo ministro da Hungria em Lisboa, sr. André Wodianes de Maglod, após a entrega das credênciais ao sr. Presidente do Conselho que desempenha as funções de Chefe do Estado. — *Em baixo:* O campeão de bilhar Alfredo Ferraz no seu regresso do campeonato do Mundo em Angoulême e Liége

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na igreja de S. José de Bolama, Guiné, realizou-se, recentemente, o casamento da sr.ª D. Olívia Fortes Nogueira, gentil filha da sr.ª D. Emília Moura Fortes e do sr. Augusto Nogueira da Silva, com o sr. José Júlio Pereira Garcia de Carvalho, funcionário público naquela colónia, filho da sr.ª D. Lucinda Maria dos Reis Pereira e do sr. Serafim José Garcia de Carvalho.

Fôram padrinhos da noiva a sr.ª D. Olímpia Nogueira da Silva e seu marido o sr. Augusto Nogueira da Silva e do noivo a sr.ª D. Clotilde Pereira Garcia de Carvalho e o sr. capitão Augusto José de Lima Junior.

— Realizou-se na igreja matriz de Niza, celebrado pelo reverendo Sebastião Martins Alves, o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Seabra de Mascarenhas Paralta, filha da sr.ª D. Gervásia Lucinda Seabra de Mascarenhas Paralta e do sr. António da Graça Paralta, com o sr. dr. Herculano Madeira Curvelo, filho da sr.ª D. Rita Madeira Curvelo e do sr. António Rodrigues Curvelo. Fôram padrinhos por parte da noiva, as sr.as D. Maria Paralta de Figueiredo e D. Ricardina Seabra de Mascarenhas Castelo Branco, tias da noiva, e por parte do noivo, o sr. dr. Leonel Curvelo e sua espôsa sr.ª D. Beatriz da Graça Pinheiro Curvelo.

Finda a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, servido pela pastelaria Quintas, de Lisboa.

— Na paroquial igreja de São Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Eugénia Reis Ferreira, interessante filha da sr.ª D. Laura de Abreu Reis Ribeiro Ferreira e do sr. Carlos Alberto Ribeiro Ferreira, com o sr. António de Albuquerque Labat Sotto Mayor, filho da sr.ª D. Maria Beatriz de Albuquerque Forjaz de Lacerda Sotto Mayor e do sr. dr. Francisco Navarro Marques de Paiva, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

— Na Sé de Castelo Branco, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria da Graça Ribeiro Bernardino, gentil filha da sr.ª D. Alda Ribeiro Pinto Bernardino e do sr. dr. José dos Santos Bernardino, com o sr. dr. Carlos Gouveia Telo Gonçalves, filho da sr.ª D. Maria Rosa Gouveia Telo Gonçalves e do sr. dr. Francisco Telo Gonçalves.

A cerimónia, que foi presidida pelo vigário da Sé, reverendo dr. José Dias, serviram de padrinhos o pai da noiva e o sr. António Biscaia, e de madrinhas as sr.as D. Catarina Biscaia e D. Alzira Cardoso.

Aos noivos, que fôram passar a lua de mel para o Algarve, fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Presidido pelo irmão do noivo, reverendo José Maria de Oliveira, acolitado pelo reverendo João Ferreira de Castro, celebrou-se, com grande solenidade, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Pereira de Freitas, com o sr. Joaquim José de Oliveira.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Rosa Pinho Maia e o sr. Rufino Pinho Maia.

Finda a cerimónia foi servido um magnífico almôço, seguindo os noivos depois para o sul do país, onde vão passar a lua de mel.

— Na capela paroquial de Redondo (Alentejo) realizou se o casamento da sr.ª D Maria Izabel da Silva Barrancos Gomes Fernandes com o engenheiro sr. Luiz Henrique Gomes Fernandes.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Ana de Jesus da Silva Barrancos e o sr. José de Almeida Barrancos, e por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Avelino Gomes Fernandes e o sr. António Alves.

Depois da cerimónia religiosa foi servido um fino lanche, tendo sido oferecidas aos noivos grande número de lindas e valiosas prendas.

— Em Santo Tirso, na igreja de S. Martinho de Bougado, realizou-se o casamento da sr.ª D. Branca Augusta de Oliveira Gomes, gentilíssima filha da sr.ª D. Branca Augusta Gomes de Oliveira e do sr. Alberto Gomes, com o sr. dr. Francisco José do Vale Guimarães, filho da sr.ª D. Maria Emília do Vale Guimarães e do sr. dr. Querubim do Vale Guimarães.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Maria Filomena de Melo Sobreiro Vidal e D. Maria Izabel Homem Simões e de padrinhos os srs. dr. José de Almeida Azevedo e Manuel Domingues Simões Júnior.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche, vindo depois os noivos para Lisboa, onde fixaram residência.

Aos noivos fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Sendo celebrante o rev. cónego José Martins Gonçalves, acolitado pelo capelão do santuário do Bom Jesus de Braga, celebrou-se com grande solenidade o casamento da sr.ª D.ª Maria Ivone Ferreira da Silva, gentil filha da sr.ª D.ª Margarida Maria Esteves e do sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, com o sr. engenheiro José dos Passos Pardal.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais e do noivo, sua mãi, sr.ª D.ª Maria José dos Santos e seu irmão, sr. Manuel dos Santos Pardal.

Levou as alianças a menina Maria de Lourdes Policarpo de Azevedo, foram caudatários os meninos Maria José Nunes dos Santos Pardal e José Nunes dos Santos Pardal e serviram de damas de honor as sr.as D.ª Helena dos Santos Caravana e D. Maria Fernanda Matos.

A cerimónia foi precedida de missa e no final o rev. cónego Martins Gonçalves proferiu uma tocante alocução.

Na corbeilhe dos noivos viam-se imensas e waliosas prendas.

Os noivos partiram para o sul em viagem de múpcias.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luciana Ferreira Gonçalves, gentil filha da sr.ª Luciana de Oliveira Ferreira Gonçalves e do Arnaldo Gonçalves, com o sr. José Martins Barbot, filho da sr.ª D. Adélia Martins Barbot e do ssr. Francisco Barbot.

A cerimónia foi presidida pelo reverendo ssr. dr. Manuel Pereira da Silva, acolitado pelo reverendo padre Faustino de Sousa, amigo dos noivos que proferiu uma tocante alocução.

Casamento da sr.ª D. Olívia Fortes Nogueira com o sr. José Júlio Pereira Garcia de Carvalho, realizado em Bolama

Casamento da sr.ª D. Maria Amélia Seabra de Mascarenhas Paralta com o sr. Herculano Madeira Curvelo, realizado em Niza. — (Foto, Alvaro Campeão)

Nascimentos

— Nasceu um gentil menino, filho da sr.ª D. Maria Luísa de Sousa Lima de Morais Sarmento Campilho, esposa do sr. Dr. Pedro Vicente de Morais Sarmento Campilho.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D.ª Maria de Ataláia Norte dos Santos Silva, esposa do ssr. Eduardo Silva.

Mãi e filho estão felizmente bem.

— Deu à luz uma creança do sexo feminino, a sr.ª D.ª Maria Amélia Coelho Campos Teixeira de Sampaio, esposa do sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio.

Mãi e filha encontram se felizmente bem.

Baptizados

Na paroquial igreja de S. Mamede realizou se o baptizado de um gentil filhinho da sr.ª D. Maria do Ceu Saraiva de Carvalho e do nosso colega de «A Voz» sr. Jaime de Carvalho.

O pequenino recebeu o nome de Jaime António, tendo-lhe servido de padrinhos o sr. António Rosa e sua esposa, sr.ª D.ª Francisca Fermandez y Fernandez Rosa.

Depois da cerimónia religiosa foi servido um ffino lanche em casa dos pais do recemnascido.

A selecção regional de Lisboa que esmagou sob copiosa soma de bolas a representação sevilhana, em visita à nossa capital

A QUINZENA DESPORTIVA

O futebol português está em férias durante dois meses, a descansar das fadigas e sobressaltos duma época que ficára assinalada por acontecimentos variados e imprevistos.

Se considerarmos o aspecto pròpriamente desportivo dos últimos factos que assinalaram a sua actividade, a impressão registada terá que ser francamente agradável; não levemos, porém, para o campo moral e até ao exame dos actos de determinados dirigentes a nossa investigação porque encontraremos talvez razões para desgosto que anule em grande parte a satisfação anterior.

As duas jornadas de encerramento da temporada de 1939 proporcionaram aos amadores do jogo da bola dois resultados surpreendentes: a vitória da Associação Académica de Coimbra na final da Taça de Portugal e a esmagadora derrota de Sevilha pela selecção lisboeta.

O triunfo que os estudantes coimbrões alcançaram sôbre o grupo do Benfica, favorito geral da contenda, foi a demonstração prática de quanto pode a fôrça da mocidade, do entusiasmo clubista, da fé e do brio desportivo. Foi o ponto final dum ano pouco lisonjeiro para os clubes da capital que deixaram fugir os primeiros lugares nas duas competições de caracter inter-regional.

Embora tal situação belisque o prestígio do futebol lisboeta, ela deve ser lealmente encarada como um factor benéfico para o progresso e expansão da modalidade, trazendo-lhe novos elementos de interêsse indispensáveis para estimular a afluência do público dos campos, nestes últimos tempos em assentuado descréscimo com grave prejuizo para a vida económica dos clubes praticantes.

Ao cabo de dez meses consecutivos de jogos semanais, a assistência habitual dêstes espectáculos, por maior que seja o seu fervor, está cansada de presenciar sempre as mesmas lutas, sempre os mesmos antagonistas em pugnas cujo resultado antecipadamente se prevê. Depois de, durante o praso duma época, haver assistido seis vezes ao embate do Belenenses com o Sporting, por exemplo, quem poderá ainda sentir atracção pelo sétimo encontro dos mesmos grupos?

Por êste motivo deve considerar-se bem-vindo o aparecimento de novos valores na vanguarda da falange clubista; a vantagem de tal acontecimento recai sôbre os próprios rivais que dantes lhe barravam o caminho da glória e da conseqüente popularidade.

O copioso desaire sofrido pela equipa andaluza no campo das Salésias, e que muitos apreciadores consideraram a desforra necessária ao desastre que os nossos selecionados experimentaram em Sevilha, veiu quanto a nós pôr em flagrante evidência — como se tal fôsse ainda preciso — a impossibilidade normal do primeiro resultado contrário aos portugueses e, por dedução, a influência perniciosa que nele exerceram a incompetência e desleixo dos dirigentes responsáveis, a ausência de consciência profissional e brio patriótico dos jogadores.

A tal respeito não ficaram dúvidas no espírito dum único dos espectadores da partida nas Salésias.

★

Com os campeonatos nacionais de juniores, celebrados no Pôrto no primeiro domingo do mês corrente, terminou a fase inicial da temporada de atletismo em pista, aquela que é reservada aos novos elementos e portanto se reveste de particular importância para análise das possibilidades futuras da modalidade.

O atletismo, é inegável, após um período de estagnação de valores acusa o despertar de novas seivas que nos faz prever em futuro próximo um período favorável de progresso e crescente de entusiasmo.

Infelizmente, repetidas vezes o temos escrito, tôda a gente o sabe mas ninguém o pode remediar, a sua propaganda ressente-se da inferioridade de processos de quem possui a única arma eficaz, que é a secção atlética do jornal da especialidade, onde o seu irritante facciosismo destoa dos hábitos de escrupulosa imparcialidade e isenção do periódico referido.

Apesar da visão tendenciosa e unilateral dêsse crítico, os valores surgidos esta época não pertencem todos à mesma equipa, antes se apresentaram espalhados pelos diversos clubes praticantes; a destacar no lote, Elio Felgas e Nazaré, do Benfica; Abrunhosa, do Belenenses; Ferreira dos Santos, do Internacional; Avelino Escaravana, do Casa Pia; Otávio Barrosa, Mariano Soares, Luís José e Tomás de Macedo, do Sporting, citando apenas neste enumerado aqueles que podem considerar-se revelações do ano.

O balanço geral dos resultados alcançados pelas agremiações praticantes do atletismo, no conjunto dos torneios de estreantes, principiantes e juniores, é nitidamente favorável ao Sporting Club de Portugal que se adjudicou já 23 títulos de campeão, ao passo que o Benfica, seu mais próximo adversário apenas conseguiu onze; os «leões» e os «águias» melhoraram uns e outros dois máximos nacionais da categoria, tendo ainda outros dois sido egualados por corredores do Belenenses e do Sporting.

O grupo de futebol de Sevilha que, vencedor de Lisboa na sua cidade, sofreu entre nós pesada e inesperada derrota

O confronto entre as marcas da época corrente e da época de 1938 é também elucidativo: em estreantes há superioridade êste ano em 4 provas, igualdade em 2 e desvantagem em 2; nos principiantes, melhoria em 7, equilíbrio em 2 e baixa de valor apenas numa; em juniores, finalmente, registamos 6 resultados superiores, 3 iguais e 3 inferiores. O progresso é sem contestação apreciável.

Dos novos atletas cujos nomes atraz citamos, aquêles que nos merecem maior confiança para o futuro são Tomaz de Macedo, Otávio Barrosa e Élio Felgas.

O primeiro, possante e brioso, tem recursos para conquistar antes do fim da temporada o «record» absoluto do lançamento do dardo; o segundo é um corredor de velocidade prolongada naturalmente dotado cujos recursos ainda não foram postos à prova, e o terceiro, com a aparência enganadora de fragilidade física, possui capacidade toráxica excepcional e será em breve um dos nossos melhores especialistas de meio fundo curto, perigoso para qualquer pela fulminante ponta final de que dispõe.

Os restantes citados, aos quais podem acrescentar-se João Guimarães Marques, Anibal Paciência, João Jacinto Silva, Júlio Matos Moura, José Esteves, João Barata, Francisco Avelar, constituem a hoste esperançosa a quem pertence afirmar em breve a vitalidade e o progresso do atletismo lisboeta.

★

A equipa do Instituto Superior Técnico, precursora da prática oficial da modalidade, saiu vencedora da primeira competição organizada pela Associação de Volley-ball de Lisboa e intitulada Torneio de Abertura, mas correspondendo de facto a um campeonato regional da época, que a falta de tempo não permitiu disputar nos moldes regulamentares.

O êxito desta prova, que foi ainda organizada em categorias reserva e segunda, de ambas as quais resultou triunfador o Sporting Clube de Portugal, foi notável, tanto sob o ponto de vista desportivo como da regularidade e entusiasmo de concorrência.

O facto de catorze colectividades haverem participado dos torneios, com o total de 37 categorias, demonstra sem mais comentários o interêsse despertado no meio pelo jogo do «volley», que só há um ano, e em consequência da campanha de propaganda movida por «Os Sports», começou a ser conhecido e praticado nas agremiações consagradas ao desporto.

Devemos considerar com satisfação o desenvolvimento e popularidade dêste jogo, que é tido com fundamentada razão por um excelênte exercício físico, adaptável a todas as categorias de indivíduos.

E' nêste sentido que deve insistir particularmente o esfôrço dos orientadores do «volley», procurando criar-lhe adeptos nas secções femininas dos clubes de desporto.

As duas graciosíssimas vencedoras do concurso ginnástico do Sporting, na categoria de meninas, na execução do exercício de equilíbrio elevado

A orientação seguida até hoje em Portugal para encaminhar a actividade das raparigas no desporto, acusa todos os erros resultantes da irregular divulgação dos diversos jogos susceptíveis de serem aproveitados e da influência do espírito de competição, acirrado pelo objectivo espectacular dos promotores que consideram essas manifestações um atractivo para o público e um incentivo ao desencadear da paixão clubista dos seus associados.

E' curioso sintoma da inconsistência de critério do meio o facto de serem discutidos os métodos de gimnástica feminina, a pretexto de mais ou menos lesivos da graça e da fragilidade da mulher, mas aceite sem reparo a propaganda de modalidades desportivas de choque onde se notam à evidência e agravados os tais inconvenientes que noutras condições mereceram reparo.

Só uma completa ausência de critério pedagógico explica que o «volley-ball», o «ring-tennis», etc., não sejam cultivados pelas nossas desportistas, ao passo que numerosas equipas tomam parte em competições de «basket» e, pior ainda, em jogos de «hockey» em patins onde as praticantes se sujeitam ao perigo de acidentes ou lesões deformadoras, sem remédio, da beleza que tanto prezam.

Quanto preferível não seria que os dirigentes das colectividades onde existem secções femininas em actividade procurassem desviar a simpatia das desportistas praticantes dos jogos que a pedagogia e o bom senso condenam exercendo no espírito dessas raparigas insistente influência de propaganda a favor das modalidades aconselháveis, que acima referimos.

São males que só uma acção de conjunto conseguiria remediar, e no nosso País não há organismo que a possa exercer.

SALAZAR CARREIRA.

O «volley-ball», jôgo que é considerado um dos melhores exercícios físicos, tem afirmado últimamente notável expansão, do que foi prova o entusiasmo suscitado pelos recentes torneios oficiais

DICIONARIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguier; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 33

DECIFRADORES

(Totalidade de pontos — 14)

QUADRO DE HONRA

Castela, Dado, Marcolim, Nuninho e Siulno,

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Dr. Sicascar, Agasio e Sevla — 13. Dama Negra, Diriso, Tarata, Francisco J. Courelas e Mirna — 11 Visconde X Cigano Anjo das Serras e Sol de Inverno — 9 J. Tavares, Aristofanes, Aureolinda, Neptuno, Fra-Diávolo, Calaveras e D. O. X. — 8. Um Misterioso — 12. Ramou Lácrimas — 11

DECIFRAÇÕES

1 — Alcançar. 2 — Profundo. 3 — Caroço. 4 — Cuti ras. 5 — Augustiado. 6 — Malfeita. 7 — Pradoso. 8 — Almofada. 9 — Manifestamente 10 — Moquamo. 11 — Pro(nu)bo. 12 — Fe(íra. 13 — Querido. 14 — O tempo mostra o amigo.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Castela, Dado, Francisco J. Courelas, Marcolim, Nuninho, Sevla, Siulno, Ti-Beado e Um misterioso

SORTEIO DE PRÉMIOS DE PALAVRAS CRUZADAS

O sorteio de prémios das palavras cruzadas, em rectificação do que dissémos no «Desporto n.º 40, passa, de futuro, a ser regulado pela lotaria do sábado seguinte, à data da saída da revista, inclusivé.

O processo para se obter o premiado consiste em dividir-se o número máximo da respectiva lotaria pelo número de concorrentes e, consoante a sua ordem, calcular em qual deles recai o número da taluda.

O prémio do problema n.º 2 coube ao nosso confrade F. J. Courelas, a quem temos a honra de felicitar.

TRABALHOS EM VERSO

ADITIVAS (Antigas)

Num caso de gota-serena (a cegueira lenta e fatal)

Ao meu presado e velho amigo A. D.

1) Desditoso o que não vê
O que é *cego* de nascença — 2
A quem Deus não fez mercê
Da vista. Mas que diferença,

Que incomportável tortura
A do *triste* que gosou — 2
O esplendor da Mãi Natura
E a pouco e pouco cegou

Deixando os seus na miséria
Sem um braço valedor!
Descrê da piedade etera,
Da vossa, oh Deus Creador!

Qual o pecado, Senhor,
Dêste humilde pecador
Contra vós, Supremo Ser,
Que vos merece o rigor
Do castigo: *o anoitecer*
E a Noite infinda: o pavor?!

Lisboa *Sileno*

2) Das mentiras, a *primeira*, — 2
Se, de facto, não me engano,
É a única *verdadeira* — 2
Que se diz durante o *ano*.

Luanda *Um Misterioso*

3) «Sicascar», caro confrade
Aqui me tem a seu lado
Pronto ao seu desafio
Eu não posso na verdade
Dizer-me atarefado
Tais desculpas *repudio*. — 2

O tempo para tudo chega,
Embora se diga que não,
Ser *zeloso* é o principal; — 3
Quem diz o contrário nega
Repito a afirmação
Ser *zeloso* é essencial.

Luanda *Fernando Costa*

DECIFRAÇÃO DO N.º 3

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 42

CHARADA SINCOPADA

4) Olha a Maria da Graça,
De modo sempre *risonho!*
Tudo é graça onde passa,
Onde passa tudo é sonho!

Não há cachopa mais bela
Com certeza em tôda a Terra.
Tem encanto o olhar dela
E na voz encanto encerra!

Quando a Maria da Graça
Sua graça não espande
Nem seu cantar esvoaça
No povo a tristeza é grande!

Mas se adrega o Sol nascer
Mais ridente e *jovial*,
Tôda a gente vai benzer 3-2
Essa Graça sem igual!

Lisboa *Rei-Fera (Póstumo)*

ENIGMA

5) Minha aldeia perdida lá na serra,
Amontoado de casinhas brancas,
Quanta beleza o teu conjunto encerra,
Visto de longe, pelas tardes francas.

Tudo em ti é um sonho, é poesia,
Dêsde as ruas pequenas e direitas
Ás ruas que, em havendo romarias,
Tu com arte e engenho tanto enfeitas.

E a praça principal onde a Igreja
Recebe os filhos teus, almas de crentes;
Os trigais e pomares, causa da inveja,
E as hortas e vinhedos atraentes.

Há em ti mais beleza, côr e gôsto
Que em muitos improvisos de pintores,
E em tardes de verão, já ao sol-pôsto,
Há em ti mil tesouros de esplendores!

Para acabar, a musa não me anima,
Como fecho dos versos que te fiz,
Direi que o teu *conjunto* é obra-prima,
Que o teu povo, é o povo mais feliz!

Lisboa *Lérias (F. L.)*

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

(Ao muito ilustre «mirones» agradecendo a sua dedicatória do Desporto n.º 30)

6) Só me enfado com quem tem demasiada *severidade* impressa na *cara*. 3-2.

Algés *Marcolim*

(Ao confrade «dr. Sicascar»)

7) *O Diabo* encaminha as almas para o *abismo*. 3-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

8) Sabe *inventar*, mas não sabe *dizer*. 3-2.

Luanda *Fernando Costa*

9) Para *descontar* uma verba o contabilista teve que *substituir* os algarismos. 3-2.

Lisboa *D. Rupertus (G. C. A.)*

10) Ao vê-la, pela primeira vêz, no *pavilhão dentro do jardim*, senti o meu coração palpitar de *felicidade!* 3-2.

Lisboa *Amado das Damas*

11) Torna-se *importuno* ver sempre o mesmo *movimento*. 3-2.

Lisboa *Néné (G. C. A.)*

(Cumprimentando «Ordisi»)

12) Apezar de *desamparado* é sempre *forte*. 3-2.

Luanda *Um misterioso*

13) O *valor* só se consegue com persistência no *trabalho*. 3-2

Lisboa *Castela (T. E.)*

14) Quem fuma *cigarro ordinário*, é um homem *reles*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

15) Dentro da *choupana* está uma «*planta*». 3-2

Luanda *Dr. «Sicascar» (T. E. e L. A. C.)*

(Ao Zé da Eira)

16) Quem tocava muito bem o *instrumento musical* era um *camponês*. 3-2.

Luanda *Um Misterioso*

(Ao confrade «Ordisi»)

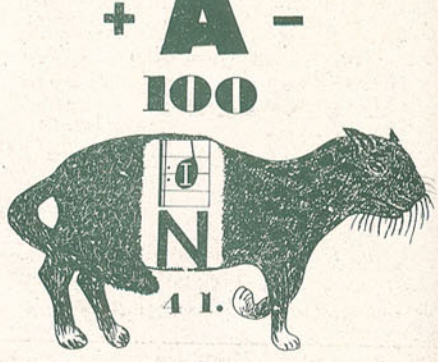
17) *Coragem, Senhor!* Anime os charadistas de Angola. 3-2.

Luanda *Tony*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

18) GEROGLIFO COMPLEXO

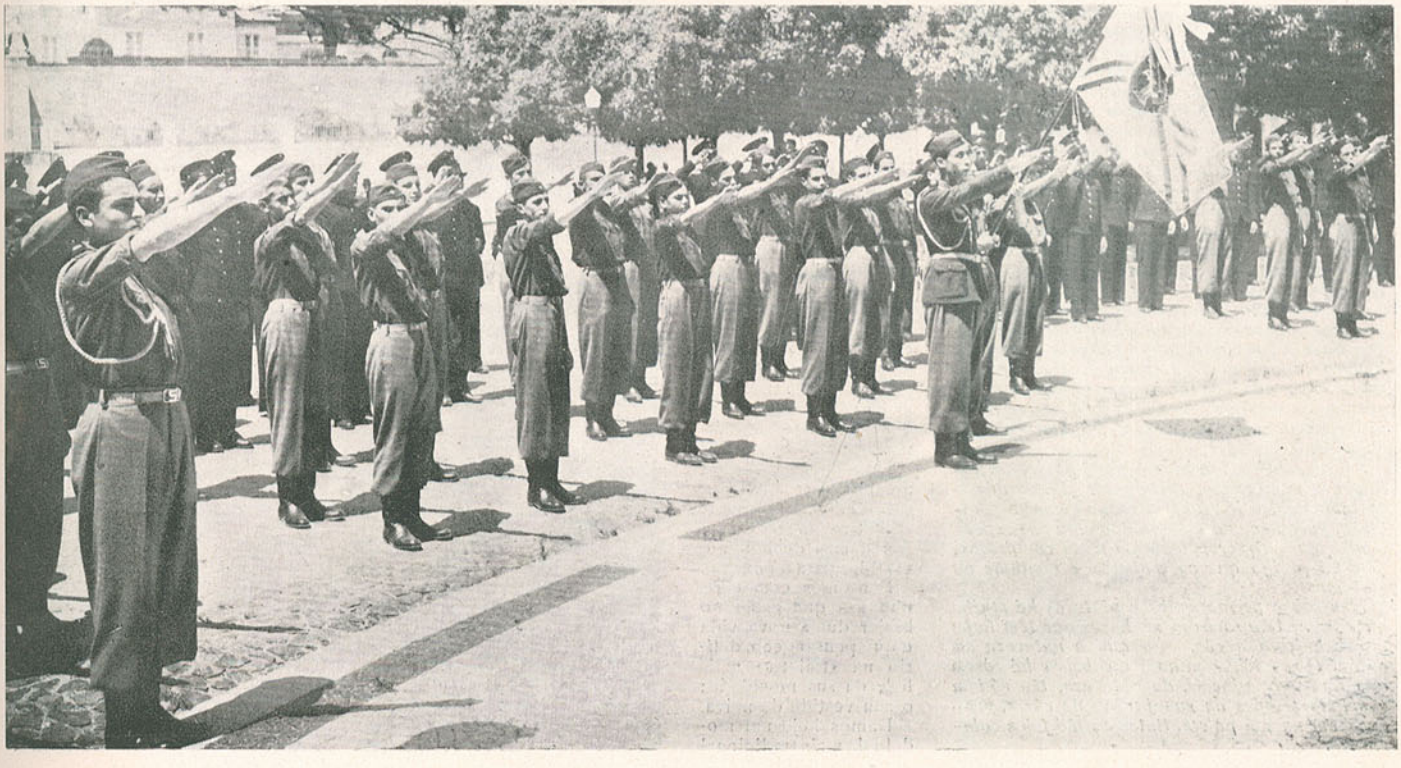
(Pitoresco)



Lisboa *Jónio*

Notas da Quinzena

Um aspecto do pavoroso incêndio em Moscavide que destruiu uma estância de madeiras, uma loja de ferragens, uma sapataria, um talho e uma barbearia, causando prejuizos de avaliados em cêrca de mil contos. — *Ao centro:* Festa na Casa Pia por motivo do seu 159.º aniversário. — *A' direita:* Outro aspecto do incendio de Moscavide. — *Em baixo:* Os alunos da Casa Pia em continência por ocasião da festa ali efectuada por motivo do 159.º aniversário daquêle modelar e benemérito estabelecimento de ensino.



Ao lêr os jornais d'aqui, há tempo, com uma notícia que achei interessante e que talvez tivesse passado despercebida a algumas das minhas leitoras.

O govêrno do Sião publicou um decreto proíbindo, a mulher sianesa, de se pintar, de rapar as sobrancelhas, de fazer permanentes e de cortar o cabelo.

E' talvez um pouco prepotente esta maneira de proceder dum govêrno, que não dá a liberdade de cada um fazer da sua pessoa, aquilo que quer, embora muitas vezes o que faz, seja contra a estética, a razão e o bom senso.

Como nunca fui ao Sião, eu não sei qual o motivo, que levou o govêrno sianês a proceder assim, e não sei como usariam as mulheres dêsse país, dos artifícios de «toilette».

Mas em vista dêsse decreto suponho, que não só usariam, como abusariam de todos esses artigos, que a indústria moderna inventou e a que está convencionado, chamar-se ... produtos de beleza.

Suponho que haveria abuso porque fazendo a comparação com o que vejo por essas ruas e salõ s, chego à conclusão de que as sianesas deviam apresentar em público rostos completamente desfigurados, pelos produtos de beleza, que em geral se tornam em produtos de fealdade, quando usados com exagero; o que por tôda a parte se vê nos tempos que vão correndo.

Muitas vezes me tem sucedido ver na rua senhoras, que conheci frescas, bonitas e que um mês depois me custa a reconhecer.

Sobrancelhas rapadas, substituidas por inverosímeis riscos de lápis, dum desenho completamente fantasista, as pálpebras dum azul celeste, as pestanas grossas como franjas, as faces côr de tijolo, os lábios dum vermelho berrante, emfim... umas verdadeiras máscaras.

Porque se é natural que a mulher procure embelezar-se um pouco e avive dum rosado ligeiro e de côr natural as faces, marque um pouco mais a côr dos lábios protegendo-os do frio ou do calor excessivos, o que não se pode de maneira nenhuma criticar, e muito condenável que se desfigure; porque um esforço para melhorar e aperfeiçoar, seja no que fôr, deve ser sempre recebido com indulgência e até como um acto meritório.

O que se não pode admitir é que desejando melhorar, se escangalhe tudo tornando uma cara regular e até perfeita, numa ridícula caricatura humana, que é necessário que a educação seja muita, para não desatar às gargalhadas quando nos vemos em frente de certas fisionomias femininas, que triunfantes passam, julgando-se irresistíveis.

Sôbre cabelos também o govêrno legislou e também com razão, certamente. Entre nós o corte de cabelo já não tem razão de ser a proíbição, porque como a moda decretou novos penteados que requerem cabelos mais compridos, não há perigo que as senhoras e meninas os cortem.

Mas sôbre permanentes e pinturas há muito que dizer: São raras as senhoras que têm hoje o cabelo com a côr, com que a natureza as dotou. Quasi tôdas pintam o cabelo e há côres que nunca os pinceis, da natureza, tão sólida e artista sempre na sua junção de côres, procuraram na sua paleta, tintas de tão feios coloridos.

Loiras são aos cardumes, dum falso loiro, tão falso como feio, que fere a vista e do loiro côr de palha ao rúivo e do castanho ao negro côr de graxa dos sapatos, há tôdas as côres.

Umas porque não gostam da côr do cabelo com que nasceram, outras porque êsse cabelo começa a estrear-se de prateados fios, tôdas vão estragando cabelo e pele, com os mais variados matizes, e nem sempre o tom que escolhem é o que se harmonisa com o tom da pele e não pouco contribuem esses cabelos pintados para a fealdade de certas senhoras.

As permanentes que quando bem feitas em largas ondas e com o intervalo de pelo menos um ano, dá a alguns cabelos um natural e bonito aspecto.

Quando se fazem mal; feitas umas sôbre outras, acabam por fazer dos lindos cabelos das europeias, uma emaranhada carapinha, que nos dá a impressão de que não há gente que não tenha sangue negro.

Carapinhas flamantes das mais variadas côres coroam o edifício de fealdade, que algumas senhoras fazem da sua cara; que nascera para ser bela e que a vaidade excessiva, reduziu à mais caricata das exibições.

Foi certamente um estela que promulgou a lei no Sião, um verdadeiro amador da arte e da beleza que ao ver as mulheres da sua terra desfiguradas não se conteve e lançou da mão à pena, num acto, atentatório da liberdade individual, mas servindo a arte e a beleza natural.

Como voltaríamos a ver caras bonitas, se houvesse na Europa homens de Estado que tivessem a coragem de tiranisar a liberdade feminina, servindo assim e contra a vantagem geral, a beleza que as mulheres inconscientemente destroem.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

A MODA

Uma das características da moda êste ano, e a modificação na roupa de baixo. As senhoras voltam a usar saias rodadas em cambraia, guarnecidas a rendas e a bordados, corpetes com rendas e fitas, e dentro em pouco a «lingerie» feminina de 1939, confundir-se-á com aquela de 1899.

A moda cansada de enveredar pelo extremo do sem roupa, extremo que levou as senhoras a nem sequer usar camisa, vai levar-nos à roupa rodada e um pouco exagerada

E' sempre assim na história da moda, depois do primeiro império em que, as senhoras andavam quási núas, os corpos mal cobertos por tunicas de musselina, os braços e o colo núa, veio o segundo império e as modas atingiram o exagero da roda nas saias, com o amplo balão.

Saias havia que tinham doze metros de roda! E' para temer que agora aconteça assim e que, depois das saias com um metro e quarenta de roda, que apenas permitem um passo, não venham vestidos exageradamente rodados que se tornem incómodos, e, mau é que as creadoras da moda o pensem, porque tôdas as usaremos, mesmo as que mais guerra lhe fazem agora.

Hoje trataremos dum assunto que interessa sobretudo às noivas. A «toilette» dêsse dia, a das damas de honor e vestidos para o enxoval.

Pensemos com carinho nas que estão no limiar duma nova vida e que pensam com delírio na «toilette» mais bela da sua mocidade: o seu vestido de noiva.

Damos hoje um modêlo da mais tradicional «toilette» de noiva. Vestido em setim branco. O corpo muito simples, têm a manga comprida, o que é sempre mais bonito num vestido de noiva; o decóte muito pequeno é em quadrado, a saia muito rodada é metida na cintura em franzidos e têm uma longa cauda.

O véu, é em tule liso muito simples e seguro por uma corôa de flores de laranjeira, um ramo das mesmas flores armado à moda antiga, completa o aspecto clássico dêste trajo de noiva.

As damas de honor vestem de «moirée» côr de canário. Saias lisas «à godets» tendo na borda do lado de dentro, um fôlho pregueado. Decóte em quadrado, as mangas curtas muita elegantemente armadas, tufam e são pregadas com um fôlho. Chapéus castanhos com laçadas em veludo.

Na mão ramos de malmequeres amarelos e brancos.

E' um lindo conjunto o desta noiva e das suas damas de honor, que formará um lindo quadro.

Para «toilette», de passeio saia pregueada em fazenda de lã azul-escuro, as prégas cosidas até certa altura. Blusa em sêda de fantasia azul-escura e branca; sôbre a blusa, um pequeno bolero sem mangas, da mesma fazenda da saia.

Chapéu azul-escuro com a borda em branco, guarnecido a flores brancas e um pequeno véu. Luvas e sapatos azuis-escuros, completam êste conjunto, muito simples e muito elegante.

Para a noite uma moderna e elegantissima «toilette» em «moirée» e «georgette» côr de rosa. Feito ás tiras estreitas no corpo e alargando para baixo; as tiras de «moirée» nunca são muito largas e as de «georgette» cortadas «à godets» atingem uma enorme roda. As próprias tiras de «moirée» fazem as alças do corpete que à frente é guarnecido por um lindo ramo de azáleas côr de rosa E' um lindo conjunto a que o elegante penteado dá relêvo.

Porque o penteado tem sempre uma grande importância nas «toilettes», aqui temos um lindo modêlo, para noivas e também para a noite. E' indicado para os cabelos loiros e «flous».

Levantado o cabelo na nuca, vem acabar, o penteado nuns elegantes rôlos que caíndo sôbre a testa formam uma espécie de pôpa.

A's senhoras a quém favorece o penteado que liberta a nuca, está indicado o uso dêste modêlo que é duma grande distinção e não é complicado do momento que o cabelo esteja bem preparado para o fazer.

LINGUAGEM DAS FLORES

Antigamente, no tempo do romantismo, todos compreendiam a linguagem das flores, agora numa época utilitária, pouquissimos são os que querem ou sabem compreender o que as flores nos dizem.

Na França, pátria da rosa, como a Espanha o é do cravo, uma rosa vermelha é símbolo do amor e quere dizer paixão avassaladora.

O lírio dos vales essa delicada flor diz: Receberás honras e dignidades.

A campainha: Terás uma grande alegria.
O rainunculo: Prosperidade na família.
Cravo: Disfrutarás os dons supremos: Amizade, amor e fortuna.
Dália: Sorte de dinheiro.
Margarida: Satisfações íntimas.
Miosótis: Risonhos amores.
Malva: Novo pretendente.
Lilás: Matrimónio e felicidade.
Orquidea: Aumento de bens.
Amor perfeito: Divertimentos e alegrias.
Papoulas: Esquecerás o que te preocupa.

E assim quem conhecer cada linguagem poderá num ramo de flores formular os melhores votos a quém o enviar.

HOSPITAIS PARA BICHOS

Os animais são cada vez mais apreciados pelos homens e rara é a casa onde não há um gato, um cão, um canário ou qualquer outro animalzinho que faz a delícia dos donos. Os cães estão invadindo o afecto dos portugueses, antigamente não se viam tantos cãezinhos de luxo, mimosamente passeados pelos seus donos ou por creadas, como agora encontramos a cada passo.

É natural esta atracção pelos animais nos homens, que se desgostam uns dos outros. Entre nós já há postos, onde hábeis veterinários tratam os doentes que se não sabem queixar, embora muitos tenham uma resignação no sofrimento que é uma lição para o homem.

O que ainda não temos são os hospitais para bichos, hospitais onde ficam internados aquêles que precisam tratamento aturado que não podem ser em casa.

Há carinhosas enfermeiras que lhes tiram a temperatura, ministram os medicamentos e até lhes dão clistéres quando os necessitam e o que é muito engraçado é animais que habitualmente recebem desconhecidos com pesarosos grunhidos, se submetem mansamente a todos os tratamentos, como que numa compreensão, de que é para seu bem.

Os gatos são mais difíceis de tratar e menos compreensivos do que lhes faz bem. Além dos hospitais célebres, como os de Londres, Paris e Madrid, há também clínicas particulares, com as suas salas de espera onde as dedicadas donas, conversam e trocam impressões sôbre os males dos seus bichanos, como fazem as cuidadosas mamãs, que levam os seus filhinhos a um consultório.

O que é interessantíssimo é observar a tristeza dos animaizinhos, quando vêem afastar-se os seus donos e deixa-los num hospital, choram verdadeiras lágrimas e temem ser abandonados.

Porque os animais sentem e muito profundamente o maior afecto por aquêles que os acarinham e em questões de gratidão, eles podem dar aos homens lições bem proveitosas para quem as souber observar e compreender.

HIGIENE E BELEZA

Os olhos janelas da alma são uma das grandes belezas da mulher e uma das mais preciosas coisas que possuimos, porque a vista dá-nos a faculdade de fazer todas as belezas, e, fazer todos os trabalhos.

As senhoras actualmente parecem ter esquecido que com os olhos é preciso o máximo cuidado, e, aplicam-lhes toda a casta de engredientes para tornar as pestanas compridas negras e luzentes e ás sobrancelhas fazem verdadeiras barbaridades, rapando-as e desenhando sobrancelhas inverosimeis, que são completamente ridículas.

Talvez em resultado desse tratamento para embelezar queixam-se algumas senhoras de ter umas escamas espécie de caspa nas palpebras e pestanas.

Para remediar êsse mal aqui vai uma receita: Vaselina 40 gramas, oleo de ricino 20 gramas, ácido gálico 2 gramas, Essência de violeta 5 gramas.

Para as sobrancelhas o melhor é deixá-las ser como são, alinhá-las se são defeituosas e depois da «maquillage» passar-lhe uma escôva fininha com vaselina esterelisada para as tornar brilhantes e assim terão os mais lindos olhos.

RECEITAS DE COZINHA

Linguado assado: — Escolhe-se um linguado grande e grôsso e depois de preparado, golpeia-se do lado mais escuro ao vicz, três a quatro golpes, e, enchem-se estes de manteiga. Corta-se uma cebola em rodas muito finas que se dispõem no fundo duma travessa de ir ao forno. Coloca-se então o linguado rega-se com manteiga derretida e azeite fino, deita-se um pouco de sal refinado e pimenta, e cobre-se de queijo e pão ralados. O forno deve estar brando. Serve-se na mesma travessa.

Frituras «express»: — Corta-se pão de leite, qualquer outro género de pão doce, ou mesmo resto dum bolo que já não está apresentável, em fatias, deita-se-lhes só dum lado doce de fruta espêsso e unem-se duas a duas em género «sandwich». Mergulham-se em massa de fritar que se prepara do seguinte modo: 3 colheres de farinha dissolvida em leite frio, uma gema de ovo, uma colher das de sopa, de aguardente, outra das de chá, de azeite e uma clara batida em castelo. Misturar tudo muito bem. Fritam-se as fatias em bastante azeite a ferver depois de passadas no polme e servem-se quente polvilhadas de açúcar.

Bacalhau á peralta: — Escolhe-se um bom lombo de bacalhau; depois de demolhado, lava-se bem, escama se e enxuga-se numa grelha sobre o lume.

Em seguida e enquanto quente rega-se com um ou dois cálices de vinho do Porto, (estando já numa assadeira de barro) cobre-se de azeite, deita-se-lhe pimenta e sal, colarau dôce, uma pitada de cominhos, cravo da India, cebola ás rodas, salsa picada para temperar. Vai ao forno para assar, e serve-se com salada e azeitonas.

Ovos tostados com presunto: — Uma travessa de ir ao forno, deita-se um bocado de manteiga e leva-se ao lume a derreter. Uma vez derretida, deitam-se-lhe tiras de presunto prèviamente preparadas (demolhadas e enxutas) e deixam-se passar na manteiga.

Por cima das fatias deitam-se os ovos para estrelar.

Quando as claras começam a prender tostam-se com um ferro em braza em diversos pontos.

Uma vez estrelados servem-se no mesmo prato rodeados de agriões.

DE MULHER PARA MULHER

Inquieta: — E' muito para louvar, mas não faz mais que o seu dever, as filhas têm obrigação de se sacrificar pelos pais, estes já se sacrificaram por elas e não lhe ficaria bem abandonar êsses velhinhos para se divertir. Já é uma grande felicidade conservá-los e estarem tão bem. Gose essa felicidade tranquilize-se e pense que todas as coisas bôas têm o seu lado mau.

Provinciana: — A duração dos lutos tem uma regra: O luto de marido é um ano de véu para traz e seis mêses esse véu é acompanhado dum véu flutuante em tule fininho com uma barrinha de «georgette», que cai na cara. Os grandes véus para a cara já se não usam.

Há senhoras que no fim do ano ainda usam um véu estreitinho caindo atraz, outras tiram os véus no fim do ano, é uma questão de gôsto; mão deixa por isto existir sentimento que muitas vezes nada tem com o vestuário.

Gentil: — Que engraçado pseudómino o seu! Desejo-lhe que o seja sempre porque nada há de mais agradável. Faça um «tailleur» em azul-pastel com algumas blusas brancas azuis ou mesmo rosa já tem o efeito que descja, com o mesmo vestido variar de «toilette».

Alda: Não acho inconveniente algum nessa diferença de idade, que me indica. Não é demasiada conheço casadas felicíssimas com essa diferença. E' sempre preferível que o marido seja mais velho, embora o contrário também às vezes dê bom resultado. Nisto como em tudo é questão de sorte. Faça o chapéu em veludo, é mais «chic».

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — D. 10
Copas — 6, 4, 2
Ouros — V. 3
Paus — — — —

Espadas — R. V. 9	**N**	Espadas — — — —
Copas — 8, 5	**O** **E**	Copas — R. 10
Ouros — 9		Ouros — 7
Paus — R.	**S**	Paus — A. 10, 8, 6

Espadas — A. 5
Copas — A. V.
Ouros — — — —
Paus — D. 9, 4

Trunfo é ouros. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução)

S joga D *p.*, **O** — R *p.*, **N** — A *p.*, **E** — 4 *p.*
N » R *c.*, **S** — 5 *p.*
N » V *c.*, se **E** — V *o.*, **S** — 9 *p.*
N » 3 *p.*, **S** — 6 *c.* e joga 6 *o.* e faz os dois trunfos.

Se quando **N** joga V *c.*, **E** — 10 *p.*, o jôgo é o mesmo, e se **E** corta, **S** recorta, joga os dois trunfos e 6 *o.*

Se quando **S** joga D *p.*, **O** — 8 *p.*, **S** — 5 *p.*, **N** — A *p.* e R *c.*, baldando-ae **S** a 9 *p.* O jôgo é ainda o mesmo.

Em certos povos da Oceânia sobretudo na Australia, o genro e a sogra não devem olhar um para o outro, nem falar, nem aproximar-se.

As relações só se estreitam um pouco quando a esposa dá à luz.

Uma baleia que se afogou

Há pouco tempo, uma baleia imprudente teve o arrojo de subir o pequeno rio Trent, em Inglaterra. Viram-na estar a aquecer-se ao sol, meia submergida unicamente, sobre um banco de areia. Alguem disparou sobre ela e a baleia desapareceu ràpidamente.

Mas voltou no dia seguinte; um pescador dentro dum barquito, lançou lhe um arpão e lutou durante uma hora com o animal.

Vencedor, amarrou pela cauda a sua prêsa, meia espancada, e rebocou-a até à aldeia onde habitava. Ao chegar ali, descobriu que a baleia, cuja cabeça viera constantemente debaixo d'água, tinha morrido afogada.

Media quatro metros de comprida e pesava duas toneladas.

Superstição oriental

Morreu, há anos, na Persia um indivíduo que, durante tôda a sua vida — oitenta e oito anos — vivera fora de casa noseu jardim. Verão e inverno, ali comia, dormia, fazia as suas abluções, a sua correspondência, etc. Quando lhe preguntavam a razão porque nunca entrava em casa, que era bastante confortável e recheada de bons móveis, respondia:

— A minha casa dá má sorte. Todos os meus antepassados, de há umas poucas de gerações para cá, ali morreram novos. Tenho a certeza que se lá entrasse, não tardava a morrer.

Ora, uma vez, por fim, viu-se obrigado a lá entrar para receber um alto personagem cuja visita não podia, sem grande incorrecção, ser recebido no jardim. A conversa durou um quarto de hora.

Terminada esta, disse para o seu secretário:

— Agora, já falta pouco para eu morrer.

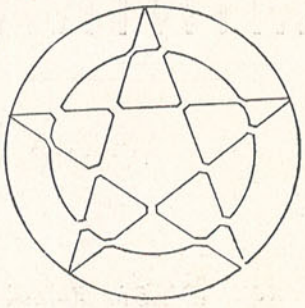
Efectivamente, no dia seguinte sobreveiu lhe um violento acesso de febre e nessa noite morria.

Folklore

Folklore é nome escandinavo que quere dizer ciência do povo. E por extensão, Folklore significa: estudo das tradições populares e mais particularmente das cantigas populares de cada região.

Desenho a traço contínuo

(Solução)



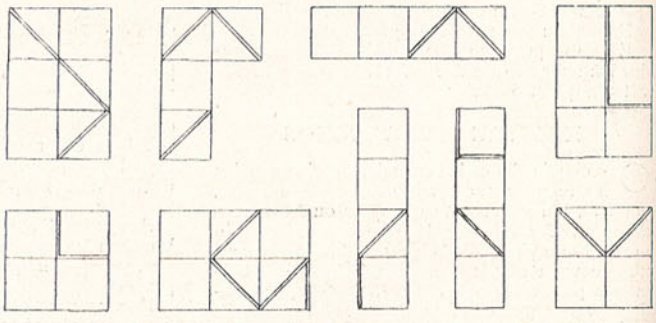
Na forma do costume vêem-se os cantos cortados para maior clareza.

A princeza de Salm-Dyck, mulher de letras franceza, que nasceu em Nantes, em 1767 e morreu em Paris, em 1845, foi cognominada «o Boileau feminino».

Umas das suas obras — *Camila* ou *Amizade e Imprudência* — foi representada, com grande êxito, na *Comédie Française*. Deixou esta escritora, também, várias epistolas, memórias, romances e obras de filosofia.

Linha divisória

(Passatempo)



Reünam estas nove peças, de maneira que formem um rectângulo de quarenta e duas casas (seis num dos lados e sete no outro) de forma que as linhas duplas, que aqui se vêem traçadas, determinem, no conjunto, seis figuras inteiramente fechadas, diferentes, mas tendo tôdas a mesma superfície.

As superfícies medem-se pelas casas e meias casas da figura.

Que número é?

(Solução)

É o número 60.

Os soldados de chumbo

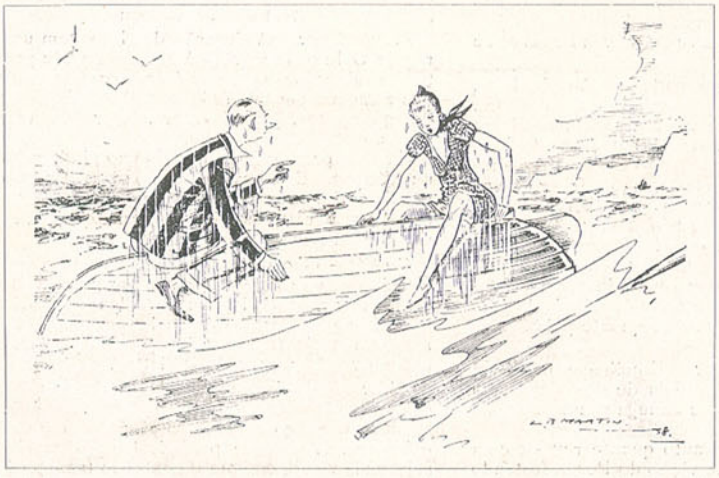
Problema

O Pedrito, o Chico e o Antoninho estavam brincando com os seus soldados de chumbo (possuem 50 cada um) quando, de repente, o Pedrito e o Chico tiveram de ir ter com a mãi, que os chamou, e deixaram o Antoninho a brincar sòzinho com os 150 soldados todos.

O Antoninho, que prefere o jogos socegados aos combates, aproveita a oportunidade para procurar combinações de números.

Trata, assim, de dispôr os seus 150 soldaditos num quadrado; formando 25 grupos (5 por 5); e consegue conta r30 soldados em qualquer sentido do quadrado, mesmo nas duas diagonais.

Como dispoz o Antoninho os seus 25 grupos e quantos soldados há em cada grupo?



— Então, filha, não chores! Olha as lágrimas a cairem por cima do teu vestido novo!

(De «London Opinion»).

GEREZ

Região montanhosa de cura e turismo

◆ ◆ ◆ ◆

A Estância maravilhosa para o tratamento das doenças do fígado

◆ ◆ ◆ ◆

ÉPOCA TERMAL:

15 DE MAIO A 15 DE OUTUBRO

◆ ◆ ◆ ◆

Sede: **Travessa da Praça da Liberdade, 26-2.º**

PORTO — Telefone 450

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a trôco de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado **8$00**; *Encadernado* **13$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELLICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 págs., broc..... **6$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, **especialmente destinada a senhoras e meninas,** veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance de uma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. brochado . . . **Esc. 4$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler,** com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$50; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

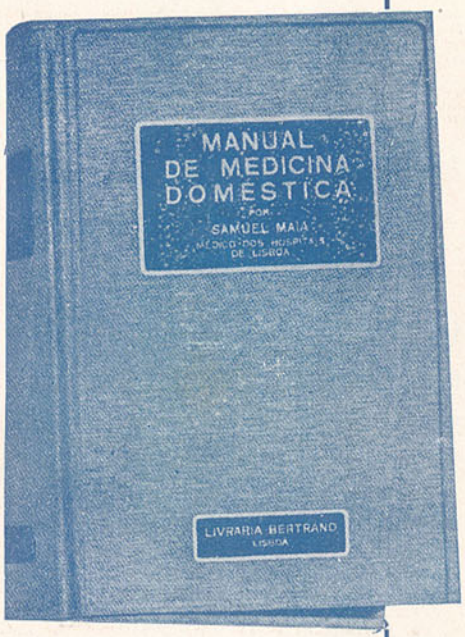
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 3.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA